

Revista

Impressa em papel 100% reciclado

Ecologia Integral

Ano 4 - N.º 19 - março/abril de 2004 - R\$6,00

por uma cultura de paz e pela ecologia integral

Povos indígenas

A diversidade étnica, cultural e lingüística dos primeiros habitantes do Brasil



Ecologia social

Os números da violência e as iniciativas pela paz

Ecologia integral

Cei comemora três anos de atividade

Você vai ler nesta edição...

2 observatório

6 educação ambiental

Têmpos - de índio - modernos

7 ecologia integral

- Centro de Ecologia Integral, Cei, completa três anos de existência
- Conheça as atividades desenvolvidas pelo Cei



Foto: Arquivo Cei

12 ecologia social

- Os números da violência no Brasil
- Iniciativas por uma cultura de paz

14 especial povos indígenas

- O que sabemos sobre os índios no Brasil?
- A primeira impressão dos portugueses
- Os números de 1500 e da atualidade
- A diversidade lingüística e cultural
- As artes indígenas
- A medicina tradicional indígena contada pelo txucarramãe Kaka Werá
- A questão das terras indígenas
- Indígenas reivindicam seus direitos

Foto: Irana Reis



23 você já pensou sobre isso?

- A história do sapo cururu na Austrália
- A importância da captação das águas das chuvas no nordeste brasileiro

24 espaço da Florinda

- Conheça alguns povos indígenas do Brasil
- As cartinhas e desenhos de nossos pequenos leitores



26 múltipla escolha

27 ponto de vista

- O símbolo que precisamos incorporar
- Índio Galdino, uma lição

29 pequenas ações por um mundo de paz

30 reflexões

31 atividades do CEI

32 pontos de venda da Revista Ecologia Integral

As dimensões da ecologia integral

A Ecologia Pessoal

visa a saúde física, emocional, mental e espiritual do ser humano como estratégia fundamental para o desenvolvimento da paz e da ecologia integral.

A Ecologia Social

busca a integração do ser humano com a sociedade, o exercício da cidadania, da participação e dos direitos humanos, a justiça social, a simplicidade voluntária e o conforto essencial, a escala humana, a cultura de paz e não-violência, a ética da diversidade, os valores universais, a inclusividade, a multi e a transdisciplinaridade.

A Ecologia Ambiental

objetiva a integração do ser humano com a natureza facilitando o processo de conscientização e sensibilização no sentido da redução do consumo e do desperdício, do incentivo à reutilização e à reciclagem dos recursos naturais, bem como da preservação e defesa do meio ambiente e de sociedades sustentáveis.

A nossa homenagem aos povos indígenas do Brasil

"A vida na terra não começou numa metrópole. Começou numa floresta, numa montanha, num deserto..." Kaka Werá - março de 2004

Esta edição da Revista Ecologia Integral é dedicada aos povos indígenas do Brasil. Habitantes desta terra há cerca de 25.000 anos, já foram mais de 3 milhões. Representando atualmente cerca de 0,2 % da população brasileira, reduzidos a 220 sociedades indígenas, lutam para preservar as suas terras e as suas tradições.

Honrar as nossas origens é honrar os nossos irmãos índios. Segundo Kaka Werá, índio que luta para resgatar e manter as tradições indígenas, estima-se que 68% dos brasileiros tenham sangue Tupi. Ele nos lembra: Quem ainda não escutou uma história sobre antepassados, onde se conta que "minha bisavó era uma índia que foi pega a laço"?

Vivemos hoje um momento de rara importância, quando nos é dada a oportunidade de resgatar 25.000 anos de cultura e conhecimentos. Geração após geração, os povos indígenas foram perpetuando e trouxeram até os dias atuais um modo de vida que prima pela prática da ecologia integral, os seres humanos vivendo em harmonia como os outros seres e com a natureza.

É um grande desafio integrar à nossa realidade atual, com dignidade e respeito, a cultura e a sabedoria indígenas, ouvindo, compartilhando, reconhecendo e convidando para a participação social estes nossos irmãos que, durante tantos anos, ficaram à margem da nossa sociedade, sofrendo todas as conseqüências da colonização, da escravidão, e da destruição de suas tradições. Temos muito a aprender com os povos indígenas brasileiros.

Outro fato que destacamos nesta edição é que comemoramos, no mês de abril, três anos da fundação do Centro de Ecologia Integral. Olhar para o início, seguir toda uma trajetória de expansão alicerçada na coerência, na autonomia, na participação e no respeito às diferenças, nos traz, sem dúvida, a certeza de estarmos no caminho certo. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos nossos colaboradores, aos assinantes e leitores da Revista Ecologia Integral, aos nossos parceiros, em especial à Ipar e à Gráfica O Lutador, enfim, a todos os que caminharam e caminham conosco. Temos a certeza de que o Cei é uma constante obra coletiva, fruto de muitas mentes idealistas que decidiram tornar os sonhos realidade e agir no mundo em prol da verdadeira vida.

Um grande abraço a todos!

Ana Maria e José Luiz
Diretores do Centro de Ecologia Integral

Nossos atuais parceiros

Associação MudaMundo
www.mudamundo.org.br

Centro de Ecologia Integral
de Jequitinhonha/MG
Tel.: (33) 3741-1107 (Frei Pedro)

Centro de Ecologia Integral
de Pirapora/MG
Tel.: (38) 3741-7557 (Delvane)

Gráfica e Editora O Lutador
Tel.: (31) 3441-3622 - www.olutador.org.br

Instituto Renascer da Consciência
Tel.: (31) 3296-3864

Marista
Tel.: (31) 3330-9000 (Dilma)
www.marista.edu.br

Portal Árvore
www.arvore.com.br

Quatro Cantos do Mundo
Tel.: (31) 9111-9359 (Carolina)
quatrocantosdomundo@vahoo.com.br

Rede Mineira de
Educação Ambiental
Tel.: (31) 3277-5198
rmea@grupos.com.br

Trilhas D'Água
Passeios Ecológicos
Tel.: (31) 3641-3185 / 9985-3185 (Evaldo)

Universidade da Paz
UNIPAZ-MG
Tel.: (31) 3297-9026

UNIPAZ - NÚCLEO ARAXÁ
(34) 3661-3199 (Homero) / 3662-4939 (Chaves)

Vibra Mais
Vida à Baía do Ribeirão Arrudas:
Meio Ambiente e Integração Social
Tel.: (31) 3393-2659 (Selma) / 3482-0075 (Joana)

Quem faz a Revista Ecologia Integral?

A revista **Ecologia Integral** é uma publicação do **Centro de Ecologia Integral**, organização não-governamental, sem fins econômicos, que tem por finalidade trabalhar por uma "cultura de paz" e pela "ecologia integral", apoiando e desenvolvendo ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, da sociedade e do meio ambiente, através de atividades que promovam a **ecologia pessoal**, a **ecologia social** e a **ecologia ambiental**. A revista é um dos meios utilizados para divulgar, informar, sensibilizar e iniciar um processo de transformação em direção à ecologia integral e a uma cultura de paz.

Revista Ecologia Integral - Publicação do Centro de Ecologia Integral (CEI)

Registrada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob o nº 1093

Diretores do CEI: Ana Maria Vidigal Ribeiro e José Luiz Ribeiro de Carvalho - **Editora:** Ana Maria Vidigal Ribeiro MG 5961 JP - **Jornalista responsável:** Desirée Ruas - MG 5882 JP - **Fotografia:** Irma Reis, Iracema Gomes e José Luiz Ribeiro de Carvalho - **Ilustrações:** Nayerre Rodrigues - **Publicidade e patrocínios:** Maria Augusta Drummond
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Desirée Ruas - **Serviços gráficos:** Gráfica e Editora O Lutador
Periodicidade: bimestral - **Tiragem:** 2000 exemplares

É permitida a reprodução do conteúdo, desde que citada a fonte: **Revista Ecologia Integral, uma publicação do Centro de Ecologia Integral** (site www.ecologiaintegral.org.br)

Esta revista foi impressa em papel 100% reciclado.

Fale com a gente

para sugestões, colaborações, anúncios ou assinaturas

Escreva para a Revista Ecologia Integral

Centro de Ecologia Integral
Rua Bernardo Guimarães, 3101
Salas: 204 a 207 - Santo Agostinho
Belo Horizonte/MG
Cep: 30.140-083

Entre em contato

Telefone: (31) 3275-3602

Mande um e-mail para

cei@ecologiaintegral.org.br

Visite nossa página na Internet

www.ecologiaintegral.org.br

Informática gera riscos ao ambiente

A fabricação de um único microcomputador com monitor de 17 polegadas consome quase duas toneladas de água, combustível fóssil e produtos químicos. Mas este mesmo computador terá vida útil aproximada de apenas dois anos. Em termos ambientais, isso significa que o atual ritmo de descarte de equipamentos de informática, devido à corrida tecnológica do mercado, representa um sério perigo para o planeta. O alerta foi apresentado no livro lançado pela Universidade das Nações Unidas em Tóquio, intitulado *Computadores e o Meio Ambiente (Computers and the Environment)*.

Com um bilhão de unidades já vendidas e as vendas anuais superando a marca dos 130 milhões de computadores no mundo todo, eles são um sério risco para o ambiente, devido ao grande volume de energia e recursos materiais necessários à sua produção

e às montanhas de lixo tóxico formadas após o seu descarte. Para se fazer um chip de memória que pesa dois gramas é preciso usar 1,3 quilograma de combustível fóssil e matéria-prima.

A incompatibilidade entre componentes, a necessidade de especialização técnica e uma série de questões relacionadas ao licenciamento de programas estão dificultando o reaproveitamento e tornando mais econômico comprar equipamentos novos que consertar ou atualizar antigos.

Mas, neste caso, o que é bom para o bolso é muito ruim para o meio ambiente. Por isso usar as máquinas pelo maior tempo possível, doá-las ou vendê-las e comprar máquinas usadas são alternativas para reduzir o volume de lixo da informática. Na União Européia, os países vão exigir a reciclagem de todos os computadores a partir de 2005.

Lixo no aterro

Os municípios mineiros terão até o dia 30 de julho próximo para acabar com seus lixões e implantar aterros sanitários controlados, de acordo com a deliberação normativa nº 52 do Conselho Estadual de Política Ambiental, Copam. As novas regras para a disposição dos resíduos sólidos urbanos em Minas Gerais determinam que os municípios devem iniciar a compactação e o recobrimento do lixo com terra ou entulho, no mínimo três vezes por semana, sendo proibida a permanência de catadores de materiais recicláveis no local, devendo ser criadas alternativas para a realização da coleta seletiva. A área escolhida para ser o depósito de lixo deve ter distância mínima de 300 metros de cursos d'água e de 500 metros de núcleos populacionais e deve se localizar fora das margens das estradas, de erosões e de áreas de preservação permanente.

Reciclagem de pneus

O que fazer com os mais de 100 milhões de pneus velhos existentes no país? Uma feira internacional realizada em São Paulo no mês de abril mostrou que tapetes de automóveis, cones de trânsito, protetores para estacionamento, dentre outras peças produzidas com o pó da borracha de pneus velhos podem ser a solução. Os pneus velhos também podem servir de combustível alternativo em cimenteiras, no lugar do carvão, e na mistura asfáltica, além de também serem reutilizados inteiros na construção de muros de arrimo e na drenagem de gases em aterros sanitários.

O problema dos pneus descartados no meio ambiente se tornou mais grave nos anos 90, quando o governo abriu as fronteiras para a importação de produtos usados. Entraram no país, não só os pneus descartados por europeus e americanos como também o lixo representado por milhares de toneladas de borracha. As pesquisas mostram que um pneu demora mais de um século para se decompor.

Em 2001, o Conselho Nacional do Meio Ambiente colocou em vigor uma resolução exigindo que as fábricas e distribuidoras de pneus reciclassem, em 2002, 25% de produção anual, 50% em 2003 e 100% em 2004. No ano de 2005, a reciclagem deverá superar a produção: cinco pneus reciclados para cada quatro fabricados.

Os pneus usados descartados no meio ambiente demoram mais de cem anos para se decompor

Lixões predominam no país

Apenas 13,8% dos 5.507 municípios brasileiros depositam os resíduos em aterros sanitários. Os demais descarregam em lixões, que não contam com instalações adequadas para armazenar, tratar e monitorar os rejeitos. Os lixões brasileiros recebem anualmente 50 milhões de toneladas de resíduos, cerca de 136 mil toneladas por dia, segundo o IBGE. Esses lixões provocam contaminações do solo e da água e a proliferação de vetores de doenças, como ratos e insetos. Para a Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos, o maior problema dos resíduos urbanos está na disposição final. Para resolver esse problema, um estudo do Ministério do Meio Ambiente e da Caixa Econômica Federal estima que são necessários investimentos de R\$ 1,5 bilhão.

Foto: Afonso Tadeu Maral



Veículos elétricos no futuro

Um veículo que sirva de meio de transporte e além disso possa ser fonte complementar de energia elétrica. Este carro do futuro está sendo pesquisado pelo Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. Os estudos mostram que os veículos elétricos são co-geradores sobre rodas e podem abastecer com energia elétrica prédios residenciais, comerciais e até industriais, juntamente com calor para diversas aplicações como aquecimento de água, de ambiente, refrigeração etc.

Pesquisadores da UERJ e do Grupo de Estudos de Veículos Elétricos, agremiação formada por professores e estudantes da universidade com o objetivo de desenvolver pesquisas e promover eventos para a difusão e o estímulo ao uso dos veículos elétricos, consideram o carro elétrico uma realidade para daqui a 15 ou 20 anos. E como os carros elétricos já possuem geradores próprios que alimentam suas baterias, eles podem ser considerados como fontes de energia para diversas situações já que a maior parte dos veículos permanecem mais tempo estacionados que em movimento.

Foto: Irma Reis



A busca de alternativas de veículos mais econômicos e menos poluentes é uma necessidade para a melhoria da qualidade de vida no planeta

Brasil sediará Conferência sobre Diversidade Biológica

A próxima Conferência das Partes, COP, da Convenção sobre Diversidade Biológica, CDB, será realizada no Brasil em 2006. A COP é o encontro da mais alta cúpula da Convenção sobre Diversidade Biológica, tratado internacional assinado e ratificado por 188 países no âmbito do Programa sobre Meio Ambiente das Nações Unidas, Unep (sigla em inglês).

A diversidade biológica é a variabilidade entre seres vivos e os ecossistemas que os abrigam existentes no planeta, sendo o Brasil um país com uma das maiores biodiversidades do planeta. Uma riqueza que merece iniciativas de preservação e de conhecimento. A Convenção sobre Diversidade Biológica tem três objetivos principais: a conservação da diversidade

biológica; o uso sustentável de seus componentes; e a repartição equitativa dos benefícios derivados do uso dos recursos genéticos. Desde a aprovação da CDB, a Conferência das Partes - reunião de todos os países signatários - se reuniu sete vezes, a última em Kuala Lumpur, Malásia, COP-7, de 9 a 20 de fevereiro de 2004, contando com a participação de 161 países.

Novas regras para rótulos de alimentos transgênicos

Os produtos alimentares, que contenham mais de 1% de transgênicos ou organismos geneticamente modificados, OGMs, em sua composição, deverão apresentar em destaque, dependendo do caso, uma das seguintes expressões: “(nome do produto) **transgênico**”, “**contém** (nome/s do/s ingrediente/s) **transgênico/s**”, ou “**produzido a partir de** (nome do produto) **transgênico**”, em conjunto com o símbolo dos transgênicos (a letra T na cor preta dentro de um triângulo amarelo).

Os alimentos e os ingredientes alimentares vendidos a granel deverão indicar as expressões acima, no expositor ou no local imediatamente a ele contíguo, de forma permanente e visível, em caracteres de tamanho suficiente para ser facilmente legível e identificado, assim como adotar conjuntamente o símbolo dos transgênicos.

Para os alimentos ou ingredientes alimentares que não contenham nem sejam produzidos a partir de OGMs é facultada a declaração no rótulo da expressão “**livre de transgênicos**”, desde que existam similares transgênicos no mercado brasileiro e seja comprovada a ausência de transgênicos no produto ou ingrediente alimentar, mediante documento de certificação reconhecido pelos órgãos oficiais competentes.

“**Pode conter transgênico**” ou “**pode conter ingrediente produzido a partir da soja transgênica**” serão as expressões a serem inseridas nos rótulos de alimentos e ingredientes alimentares, por meio de etiqueta complementar, que tenham sido produzidos a partir da soja comercializada nos termos da Lei 10.688/2003, que estabelece normas para a comercialização da produção de soja da safra de 2003.

Medidas para conter o desmatamento na Amazônia

Com estratégias a curto e médio prazo, o governo federal espera conter a velocidade de destruição da floresta amazônica com o Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal. A estimativa de 23.750 km² desmatados entre agosto de 2002 e agosto de 2003 representa um aumento de 2% em relação ao período anterior. Para o Ministério do Meio Ambiente, os dados, apesar de graves e inaceitáveis, representam uma estabilização do desmatamento. Noventa por cento da área desmatada se concentra em três estados: Mato Grosso, Pará e Rondônia. Constatou-se também que nas áreas de Unidades de

Conservação, UCs, houve reduções do desmatamento de 23,45% (nas UCs federais) e 6,10% (nas UCs estaduais). As principais causas do desmatamento na Amazônia são a agropecuária, a exploração madeireira e a construção de obras de infra-estrutura.

O novo Centro de Monitoramento Ambiental, Ceman, irá gerar informações semanais sobre o desmatamento na Amazônia por meio da integração dos dados gerados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Inpe, Sistema de Proteção da Amazônia, Sipam e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Ibama, o chamado sistema

integrado de "alerta".

Há ainda a previsão para a criação de 13,4 milhões de hectares de Unidades de Conservação, sendo 8,1 milhões de hectares de proteção integral e 5,3 milhões de hectares de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, cujas áreas prioritárias serão a Terra do Meio, região de 8 milhões de hectares situada entre os rios Xingu e Tapajós, no Pará; a região de Jacunda, em Rondônia; o noroeste do Mato Grosso e o sudeste do Amazonas. Também foi anunciada a criação pelo Ministério da Justiça de 27 delegacias especializadas no combate a crimes ambientais na Amazônia.

Combate à seca no nordeste

O Programa Água Doce - Sede Zero, lançado no Dia Mundial da Água, integra um conjunto de ações do governo federal destinado a tratar do aproveitamento das águas salobras e salinas do território brasileiro, principalmente do semi-árido. Esta região, que apresenta grande parte de sua água subterrânea com alto teor de sal e escassez de recursos hídricos para o consumo imediato, será prioridade na atuação do programa. Serão implementados equipamentos de dessalinização em poços tubulares, priorizando a recuperação daqueles ainda em condições de reaproveitamento. Numa segunda etapa, serão implantados sistemas produtivos sustentáveis, com aproveitamento dos resíduos para a aquicultura, irrigação de plantas que absorvam o sal em quantidade e com potencial para a alimentação de caprinos, além de leitos de evaporação para a produção de sal.

Recolhimento de plásticos

Criada no município mineiro de Patrocínio, uma Unidade Central de Recolhimento de Embalagens Vazias, resultado de uma parceria entre a Epamig, o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias e a Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado. Com a nova Central, um antigo problema de direcionamento do lixo plástico enfrentado pelos cafeicultores da região será resolvido. Estima-se que cerca de 150 toneladas anuais de plásticos com resíduos nocivos à saúde sejam retirados do lixo e reciclados, possibilitando a destinação correta das embalagens, o que vai proporcionar mais saúde e segurança para a população da região.

Foto: Afonso Tadeu Marad



A destruição da cobertura florestal brasileira tem como principais causas a exploração da madeira e a agropecuária

Comissão sobre meio ambiente

O preservação do meio ambiente, agora, conta com uma comissão permanente exclusiva na Câmara dos Deputados. A Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias foi desmembrada. As questões ambientais contam agora com uma comissão específica, a de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, o que também ocorre com a defesa do consumidor. Já as chamadas "minorias" terão suas questões incorporadas pela Comissão de Direitos Humanos, agora Direitos Humanos e Minorias.

Brasil terá 25 milhões de idosos em 2020

Em 2020, os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas, sendo 15 milhões de mulheres, numa população de 219,1 milhões. Eles representarão 11,4% da população brasileira. Devido às sucessivas quedas das taxas de fecundidade e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, estudos mostram o envelhecimento da população brasileira.

Em 2002, o País tinha 16 milhões de pessoas com 60 anos ou mais representando 9,3% da população e 56% deles eram mulheres. Em 2002, os idosos representavam 10,2% da população do sudeste, 10,0% da população do sul, 9,3% da população do norte, 8,9% da população nordestina e 7,2% da do centro-oeste.

Embora nos países da Europa esse envelhecimento tenha ocorrido devido às melhorias médico-sanitárias, no Brasil, para a maioria da população, tais condições estão longe de ocorrer. Em 2002, 43% dos idosos tinham rendimento familiar per capita inferior a um salário mínimo.

Produção de carvão terá selo em Minas

O Instituto Estadual de Florestas, IEF, e a Associação Brasileira dos Produtores de Eucalipto para uso Doméstico, assinaram um convênio com a finalidade de criar em Minas Gerais o Selo de Origem Florestal, que irá controlar o uso do carvão doméstico no mercado interno mineiro, além de ser utilizado para monitoramento do produto florestal a ser exportado.

O Selo de Origem Florestal vai regulamentar e controlar a comercialização do carvão impedindo sua venda clandestina no mercado. Além do controle da produção de carvão, o selo também proporcionará outros benefícios já que os recursos excedentes obtidos pelo novo sistema serão aplicados em projetos para revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, garantindo a melhoria da qualidade ambiental no Estado.

Diminuição da mortalidade infantil

Uma boa notícia: a mortalidade infantil diminuiu no país. De 1992 para 2002, o número de mortes de bebês menores de 1 ano por 1.000 nascidos vivos passou de 42,6 para 27,8 - uma redução de 35%.

Educação da mãe salva vida de crianças

Educação e saúde andam juntas. Em se tratando dos cuidados com as crianças esse fato pode ser comprovado pelas estatísticas. Filhos de mulheres com até 3 anos de estudo têm 2,5 vezes mais risco de morrer antes dos 5 anos que os de mulheres com 8 anos ou mais de estudo. A taxa de mortalidade para as crianças do primeiro grupo é de 49,3 por mil nascidos vivos, enquanto para as do segundo grupo é de 20 por mil. Atribui-se essa diferença a uma maior percepção da mãe escolarizada quanto aos cuidados com a higiene e a saúde dos filhos.

Navios causam desequilíbrio ambiental

Representantes de países da América do Sul, dentre eles o Brasil, da Organização Marítima Internacional e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Pnuma, estudam a adoção de um Plano Regional de Ação Estratégica para Controle e Gestão da Água de Lastro de Navios e de Espécies Aquáticas Invasoras. O objetivo é reduzir a transferência indesejável de espécies exóticas e patógenos por meio da água de lastro dos navios.

A água de lastro é fundamental para a segurança das operações de navegação modernas, garantindo o equilíbrio e a estabilidade aos navios sem carga. No entanto, ela pode causar problemas ecológicos, econômicos e de saúde, ao transportar algas tóxicas, espécies patogênicas, como o vibrião colérico, e exóticas como o mexilhão dourado que está se alastrando pelos rios na região sul e no Pantanal, estando também presente na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. Um plano de ação emergencial de combate ao mexilhão dourado foi lançado recentemente pelo Ministério do Meio Ambiente.

Foto: Afonso Tadeu Murad



Os ecossistemas marinhos podem ser prejudicados com a introdução de espécies exóticas através da movimentação de navios

Tempos - de índio - modernos

Medo, insegurança, violência, destruição... Aonde estamos indo? Diante destas questões recorrentes, ouvi uma história que me fez refletir sobre como saímos do predomínio das forças naturais e alteramos o equilíbrio das relações entre cultura e natureza.

Um índio iria participar de um evento numa determinada cidade e a pessoa responsável por levá-lo colocou-o num carro e pegaram a estrada. Depois de algum tempo o índio insiste: "Pare aqui, pare aqui!" O motorista mesmo sem entender os motivos, parou num acostamento. O índio desceu do carro e ficou parado, quieto, olhar absorto nas montanhas. O motorista provavelmente preocupado com o 'tempo que estavam perdendo', veio interrogar-lhe sobre o que estaria acontecendo, obtendo como resposta: "Você está indo depressa demais e minha alma ficou para trás. Preciso esperá-la." Nada mais inusitado para um "civilizado", que então quis saber como e quando isso aconteceria. - "Quando perco minha alma preciso voltar às origens para

recuperá-la." Voltar às origens, conforme o índio explicou, era ter um profundo contato com os elementos da natureza onde se origina a vida: água, terra. Um contato que a humanidade vem perdendo ao longo de sua evolução.

A evolução, em si, é um processo natural, o mundo está em contínua transformação, tanto assim que o ser humano, com sua inteligência, foi se diferenciando cada vez mais das outras espécies, substituindo a energia viva pela energia mecânica, criando ferramentas que facilitassem extrair da natureza os recursos necessários à sua alimentação, abrigo e sobrevivência, acreditando no êxito de dominar a natureza. Com o avanço da ciência e da tecnologia a máquina vai prevalecendo cada vez mais sobre os espaços humanos, dominando inclusive nosso pensamento, forçando cada vez mais a uma dependência e identificação com ela. Os relógios, os computadores, os veículos regulam nosso tempo, tempo da produção, do dinheiro, do obter coisas, sustentados pela crença numa felicidade advinda, sobretudo, do conforto material.

Em esse compasso perdemos a conexão com a fonte da qual todos os seres vivos se originam, perdemos o contato com nossa essência - o significado da espiritualidade, da alma.

A tecnologia sem limites, determinando que algo deve ser feito só porque é tecnicamente possível fazê-lo e não porque seja necessário, belo e bom ao ser humano, a primazia do capital sobre a preservação da natureza, as bombas atômicas, as manipulações genéticas, a exploração desumana da força de trabalho, a depressão, a síndrome do pânico, a violência urbana são apenas alguns exemplos do equívoco de uma evolução que desconsidera valores espirituais.

Talvez por isso, a sabedoria indígena ainda nos sensibilize tanto, justamente por sua percepção do ser integral. Pela capacidade do índio de estar relacionado e unificado com o mundo que o rodeia, por seu sentimento de intimidade com todos os seres sensíveis, pela conexão com sua alma.

Educação ambiental integral

Diante do quadro atual, o educador tem duas opções, ou segue reproduzindo normas e valores materialistas e egoístas, formando um profissional insensível e devastador dos recursos naturais, ou promove uma reforma nas relações do ser humano com o mundo através da percepção integral e integrada. Integral no sentido de abranger os vários níveis da vida: físico, intelectual, emocional e espiritual. Integrada no sentido de fortalecer valores correspondentes a esses níveis. Nesta perspectiva, a educação ambiental seria o despertar do educando para o sentir, o pensar e o agir comprometido com a vida, consolidando o amor como o elemento da união, estabelecendo relações de respeito com todos os seres da Terra, considerando que somos todos da mesma origem, antes de toda ação cultural, econômica, política, social. Envolvendo o coração na ação, abrindo-o para a intuição. Reconhecendo como valioso e bom tudo aquilo que contribua para o desenvolvimento de uma consciência planetária. Reconhecendo como negativo e mau tudo que estrangula a vida e faz os bens da Terra e os frutos do trabalho servirem para o lucro de alguns e não para a felicidade de todos.

Na prática isto se traduziria em atividades que ampliassem a percepção dos sentidos, lendo e escrevendo poemas e histórias; incentivando a expressão musical; resgatando o folclore regional; provocando respostas novas a perguntas antigas; substituindo os jogos competitivos pelos cooperativos; promovendo movimentos de solidariedade e cidadania na comunidade; incentivando a expressão de sentimentos próprios e em relação aos outros.

Mas é importante que o educador acredite em sua responsabilidade de agente transformador e que, antes de tudo, recupere sua alma.

Ana Mansoldo

Psicóloga, pós-graduada em Educação Ambiental e colaboradora do Centro de Ecologia Integral - Cei

A educação ambiental seria o despertar do educando para o sentir, o pensar e o agir comprometido com a vida, consolidando o amor como o elemento da união, estabelecendo relações de respeito com todos os seres da Terra, considerando que somos todos da mesma origem

Centro de Ecologia Integral completa três anos de existência

Organização não-governamental mineira, que trabalha por uma cultura de paz e pela ecologia integral, expande cada vez mais sua atuação através de seus projetos, cursos, palestras e da Revista Ecologia Integral

Há três anos, o conceito da ecologia integral começava a ser divulgado através da formalização do Centro de Ecologia Integral, Cei, organização não-governamental, sem fins econômicos, com sede em Belo Horizonte. A ong, criada pelo casal Ana Maria Vidigal Ribeiro e José Luiz Ribeiro de Carvalho, tem por finalidade trabalhar por uma cultura de paz e pela ecologia integral, apoiando e desenvolvendo ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, da sociedade e do meio ambiente. A criação do Cei foi inspirada nos princípios que fundamentam a Universidade da Paz, Unipaz. Depois de três anos de seminários mensais sobre diversos temas, o casal se sentiu motivado a criar como obra-prima, como a grande síntese - uma espécie de trabalho final do curso da Unipaz - o Centro de Ecologia Integral.

De abril de 2001 até hoje, as sementes

da ecologia integral vêm encontrando terreno fértil seja junto a inúmeras pessoas, que abraçaram a idéia com carinho e inclusive se tornaram colaboradores voluntários do Cei, seja nas várias instituições que se tornaram parceiras deste trabalho, depositando confiança e proporcionando estímulo. Atualmente, em Minas Gerais, o Centro de Ecologia Integral conta com representações nas cidades de Pirapora, Jequitinhonha e Araxá.

Através de seus grupos de estudos (Sonhos, Meditação, Ecologia do ambiente e Educação para a Paz), gratuitos e abertos à comunidade, seminários, cursos, palestras e oficinas sobre temas como ecologia integral, educação para a paz, educação ambiental, educação para o consumo, valores humanos, dentre outros, e orientação e elaboração de projetos e facilitação de trabalhos, o Centro de Ecologia Integral abre espaço para a

reflexão e discussão de temas de grande importância para o ser humano e a sociedade.

A atuação do Cei já se expandiu para todo o estado de Minas Gerais. Seus colaboradores viajam ministrando palestras e oficinas em várias cidades mineiras. Em 2003, a equipe do Cei esteve nas cidades de Entre Rios de Minas, Muriaé, Itajubá, Ponte Nova, Sabará, Ituiutaba, Guanhães, Santa Luzia, Águas Formosas, Araxá, Pirapora, dentre outras.

Revista Ecologia Integral

Uma ferramenta importante para ajudar no trabalho de divulgação da ecologia pessoal, social e ambiental é a Revista Ecologia Integral, lançada em setembro de 2001 e impressa em papel 100% reciclado, que já está no seu 19º número.

A criação da Revista Ecologia Integral - um dos meios utilizados para divulgar,

Concentração e harmonia: arranjos florais produzidos por alunas do curso de Ikebana do Centro de Ecologia Integral



Foto: Argemir Cid

Foto: Detam Kasai



Divulgação de informações: equipe do Cei participa de eventos com a exposição da Revista Ecologia Integral

Paisagens ecológicas: crianças, jovens e adultos participam das caminhadas organizadas pelo Cei



informar, sensibilizar, conscientizar as pessoas e iniciar um processo de transformação em direção à paz e à ecologia integral - tornou possível expandir a discussão dos temas para outras cidades de Minas Gerais e outros estados do país, além de um trabalho promissor junto a escolas e comunidades diversas.

Metade da tiragem da Revista é destinada aos Programas de Educação Ambiental e Educação para a Paz e é distribuída gratuitamente para creches, escolas e bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, obras sociais, rádios comunitárias e associações sem fins lucrativos. Até o momento mais de dezoito mil revistas já foram distribuídas nestes Programas.

A Revista já é considerada uma referência nas bibliotecas para as pesquisas escolares pelo seu conteúdo e linguagem. Estima-se que cerca de setenta mil pessoas já tiveram contato com os conteúdos da Revista que já expandiu para fora do estado de Minas Gerais e tem assinantes nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Pará, Alagoas, Bahia e Ceará.



Formação de multiplicadores: participantes do grupo de estudos Ecologia do ambiente do Centro de Ecologia Integral

O convite da ecologia integral

Ver o mundo com outros olhos, percebendo a interligação existente entre todas as coisas: o ser humano, a sociedade e o planeta. Este é o convite da ecologia integral

Os pressupostos da ecologia integral decorrem de uma nova maneira de compreender o mundo apontada por muitos cientistas e pensadores.

Para o psicólogo e educador Pierre Weil, reitor da Universidade da Paz, o olhar fragmentado do ser humano seria a principal causa dos problemas atuais. Para o físico Fritjof Capra, "a nova visão da realidade baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial a todos os fenômenos - físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais." Para o teólogo e filósofo Leonardo Boff, "para uma visão ecológica, tudo o que existe coexiste, tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infundável de relações inclusivas. Tudo se acha em relação. Fora da relação nada existe." O pensamento do chefe da tribo Seattle, nos Estados Unidos, em 1854, já dizia que "o homem não teceu o tecido da vida. Ele é apenas um dos seus fios. Tudo o que fizer ao tecido estará fazendo a si mesmo."

Na prática, estas reflexões significam que nossas ações, emoções, palavras e pensamentos têm consequência direta sobre os demais seres e elementos do planeta. A água, o ar, a terra, o sol e toda a biodiversidade existente estão em constante interação entre si e com o ser humano, responsável por reestabelecer o equilíbrio perdido desde a sua chegada no planeta. As interferências humanas sobre a face da Terra têm ocasionado extinção em massa de várias espécies.

Mas se nós, seres humanos, somos apenas mais uma espécie dentre todas as demais por que nos julgamos no direito de prejudicar e até exterminar outras espécies? A consciência de nossa responsabilidade frente aos problemas ambientais é fundamental, assim como frente às questões sociais e pessoais que estão ao nosso redor. Cuidar de nós mesmos, dos outros e do planeta é o convite da ecologia integral para a construção de uma cultura de paz tão necessária nos dias de hoje.



Trabalho com o corpo e com a mente: aula de Tai Chi no Centro de Ecologia Integral

Ecologia Integral propõe um novo olhar

Ana Maria Vidigal Ribeiro e José Luiz Ribeiro de Carvalho, fundadores e diretores do Centro de Ecologia Integral, falam da importância da Ecologia Integral e do resgate da visão integrada do ser humano, da sociedade e da natureza

Há 3 anos surgiu o Centro de Ecologia Integral. De lá para cá, o que foi feito para divulgar a ecologia integral? Como a ong se estruturou e ampliou seu campo de atuação?

Na verdade, as idéias e ações que culminaram na criação do Cei surgiram nos anos de 1995 e 1996 quando iniciamos um grupo de estudos a partir da Formação Holística de Base da Universidade da Paz, Unipaz-MG. Em abril de 2001 deu-se a formalização e expansão deste trabalho com a criação do Cei enquanto pessoa jurídica, como associação sem fins econômicos, com estatuto, diretoria, CNPJ, etc. De lá para cá temos observado uma expansão natural das nossas atividades a partir de um grande trabalho de base que temos feito em conjunto com colaboradores e parceiros. A Revista Ecologia Integral, criada em setembro de 2001, foi uma das iniciativas que mais contribuiu para expandir as nossas idéias e ações e abrir muitas portas para novas parcerias, além dos cursos, seminários, congressos, feiras, práticas integrativas e dos grupos de estudos regulares. O que temos percebido é uma grande aceitação da idéia da ecologia integral e a constatação de que é uma proposta coerente e que aponta para um processo de transformação no sentido de uma nova cultura de paz e de uma sociedade sustentável em todos os sentidos, pessoal, social e ambiental.

A ecologia integral propõe um olhar integrado das dimensões pessoal, social e ambiental. Como vocês encaram a situação atual do mundo, com violência, fome e desunião vivida pelo ser humano, sob a ótica da ecologia integral? Por onde começar? O que é preciso mudar?

Quando falamos em Ecologia Integral fazemos questão de salientar que a idéia da não-separatividade, que é fundamental para o entendimento da nossa proposta, já vem sendo difundida por muito grandes pensadores em vários campos do conhecimento como a Física, a Filosofia, a Psicologia Transpessoal, a Química, a Biologia, além das grandes tradições espirituais. A não-separatividade parte do pressuposto que tudo está interligado. Tudo faz parte de um todo uno e interdependente, ou seja, tudo repercute em tudo. As ações no nível pessoal, social ou ambiental têm reflexos umas nas outras numa infundável e complexa teia de relações inclusivas. O começo pode se dar em qualquer uma destas dimensões embora nossa preferência tem sido por iniciar o processo de transformação pela ecologia pessoal priorizando a tomada de consciência do cidadão como constituinte e constituidor de todo o processo que ele está envolvido. Isto não invalida outras formas de iniciar o processo, como por exemplo as ações no campo social ou ambiental, que poderão também trazer as transformações no nível pessoal.



Foto: Irma Reis

Sensibilização de crianças e jovens: estudantes em visita ao Centro de Ecologia Integral

A atuação do Cei

O Centro de Ecologia Integral, Cei, é membro do Fórum da Agenda 21 de Belo Horizonte, do Fórum da Agenda 21 do Estado de Minas Gerais, do Fórum Municipal Lixo e Cidadania, do Fórum Mineiro do Terceiro Setor, do Fórum de Ongs Ambientalistas de Minas Gerais e da Rede Mineira de Educação Ambiental, RMEA.

Em 2003, o Cei foi um dos representantes das ongs ambientalistas de Minas Gerais na Audiência pública sobre o Plano Plurianual, PPA, 2004/2007 do Governo Federal. Teve participação também como membro das comissões organizadoras da Conferência Nacional do Meio Ambiente (Adulto e Infante-juvenil), no estado de Minas Gerais, e foi eleito, na Pré-Conferência de Minas Gerais, como delegado representante das ongs ambientalistas da região metropolitana de Belo Horizonte, para a Conferência Nacional do Meio Ambiente (Adulto).

O Centro de Ecologia Integral é parceiro da Universidade da Paz em Minas Gerais e tem representações nas cidades de Pirapora, Jequitinhonha e Araxá.

A ecologia integral une três dimensões que nunca poderiam ser vistas separadamente: o ser humano, a sociedade e a natureza. Por que estas três dimensões estão separadas na sociedade atual?

Esta separação é uma longa história, na história da humanidade. Em um determinado momento (principalmente a partir da revolução científica e industrial) o ser humano sentiu a necessidade de dividir, de fragmentar, de separar, de analisar, para melhor entender, prever e controlar a natureza e a realidade na qual está inserido. O problema é que nós ficamos com uma grande quantidade de conhecimentos e informações desconectados uns dos outros e do todo. Estamos vivendo agora uma grande necessidade de resgatar aquilo que nunca deveria ter sido separado: a visão integrada e não fragmentada do ser humano, da sociedade e da natureza. É preciso conhecer a árvore, mas não podemos perder de vista a floresta. É preciso integrar análise e síntese, as partes e o todo, o local e o global. Quando temos a pretensão de entender, compreender e controlar o mundo a partir do conhecimento fragmentado estamos cometendo um erro fundamental e grave.

No Brasil e em vários países do mundo, as desigualdades sociais são vergonhosas. É possível diminuir estas diferenças? De que forma?

O relatório da Unesco sobre a pobreza no mundo traz dados estatísticos impressionantes sobre as desigualdades sociais no nosso planeta. Sabemos, por exemplo, que as três pessoas físicas mais ricas do planeta detêm uma riqueza igual à soma dos quarenta e sete países mais pobres do mundo. Por isto achamos que as ações por um mundo mais justo e digno são urgentes. Nos nossos cursos e palestras temos falado muito da simplicidade voluntária e do consumo consciente, que são conceitos que consideramos básicos para um processo de transformação em todas as classes socioeconômicas. Todos nós somos, em maior ou menor grau, responsáveis pela situação atual e podemos fazer alguma coisa para mudá-la. Ao adotar a simplicidade voluntária (optando por uma vida simples e pelo conforto essencial – específico de cada um) e o consumo consciente (livre dos condicionamentos e artifícios impostos a nós pelo mercado e da compulsividade gerada por nossas questões pessoais que buscam, através consumismo, a felicidade perdida) estaremos contribuindo, com certeza, para um mundo mais justo e digno. Além disto, como cidadãos, a nossa participação no debate aberto e franco junto a todos os setores da sociedade é um exercício importante e necessário para a construção de uma nova realidade.

Como a escola pode contribuir para formar pessoas realmente comprometidas com a ecologia integral? As escolas que já trabalham os conceitos da ecologia integral na sala de aula têm tido bons resultados? O que tem mudado?

Desde que começamos a divulgar a ecologia integral, através de

nossas oficinas e palestras e da Revista, temos visto que várias escolas estão se identificando com esta proposta e adotando-a no ambiente escolar. Aqui em Belo Horizonte, temos, por exemplo, o Colégio Marista Dom Silvério, o Colégio Maria Clara Machado, o Colégio Cenecista Domiciano Vieira e a Escola Municipal Professor Hilton Rocha. Em Nova Lima, o Colégio Marista Alphaville foi inclusive planejado seguindo a proposta da ecologia integral. Em Santa Luzia, demos um curso de quarenta horas (Formação de educadores ambientais com foco na ecologia integral) para os professores de toda a rede municipal. As dimensões da ecologia integral (a ecologia pessoal, a ecologia social e a ecologia ambiental) podem ser trabalhadas em todas as disciplinas, ou serem aplicadas, de forma mais ampla, com o direcionamento de todas as disciplinas e atividades da escola, através do cuidado com o ambiente escolar, com as relações e os valores de forma mais profunda. Recebemos a todo momento mensagens eletrônicas e cartas de educadores relatando suas experiências ao adotar em suas atividades escolares os temas da Revista Ecologia Integral. Os depoimentos são muito emocionantes e dá para perceber como as crianças, os jovens e os educadores entendem e compreendem a importância da situação. O que nos tem chamado mais a atenção são as mudanças que ocorrem no nível pessoal, tanto nas crianças como nos jovens e nos educadores, que passam então a ser agentes de transformação em suas realidades locais. As conseqüências são ações e projetos criativos e contextualizados com a comunidade local.

A ecologia ambiental mostra-nos que o planeta é a casa de todos os seres e a nossa também. Que tipo de relação deve ser desenvolvida entre o ser humano e a natureza, dentro da visão da ecologia integral? É possível fazer uso dos recursos do planeta sem destruí-lo?

Esta é uma pergunta importante. Aliás, Einstein dizia que o grande cientista e pensador não é aquele que sabe responder a perguntas e resolver problemas mas sim aquele que tem a capacidade de refletir e contemplar fazendo as perguntas que podem impulsionar o ser humano em direção à sabedoria. Muitas pessoas têm uma visão distorcida dos objetivos do movimento ambientalista e ecológico dizendo que prejudicam a geração de emprego e renda e coisas semelhantes. Esta é uma argumentação falsa e enganosa que tenta desvirtuar a idéia da grande maioria dos que trabalham pela ecologia e pelo meio ambiente. O conceito que precisa ser resgatado aqui é o de sociedade sustentável. Ou seja, existe muita diferença entre uma sociedade imediatista, que explora de maneira irresponsável a natureza e que gera emprego e renda de forma exploratória e de curto prazo, e uma sociedade responsável e sustentável, que se preocupa com a vida, não só da geração atual, mas também das gerações futuras. A natureza está aí nos oferecendo a água, os alimentos e os recursos para a sobrevivência digna e justa. Podemos e devemos usufruir desta dádiva de forma consciente para não privar ou ameaçar as futuras gerações. A



Foto: Denise Rauer

Irmão Afonso Murad durante mesa temática sobre a ecologia integral realizada durante o 1º Seminário de Solidariedade do Colégio Marista Dom Silvério, em abril de 2004

utilização de fontes renováveis de energia, a exploração sustentável de florestas, a produção de alimentos orgânicos, a reutilização e a reciclagem dos resíduos que produzimos, o cuidado e a preservação da água – fonte da vida, entre outras, são opções que respeitam a vida no planeta.

Quais são os planos, presentes e futuros, do Centro de Ecologia Integral?

Sabemos da dimensão do trabalho que precisa ser feito e, ao mesmo tempo, temos consciência das nossas limitações para continuar expandindo-o de forma coerente, independente e consistente. Para realizar as transformações que necessitamos e desejamos é fundamental a participação de nossos colaboradores e parceiros pois o sonho é de todos e somente juntos podemos construir um mundo melhor. Continuaremos divulgando nossa proposta através da Revista Ecologia Integral, dos diversos fóruns dos quais participamos, da atuação nas escolas, nas comunidades, nos congressos, seminários, feiras, projetos socioambientais, enfim onde houver oportunidade. Nossos planos futuros para colocar em prática esta expansão incluem captar recursos, apoiar e receber o apoio de parceiros que estejam sintonizados com as nossas propostas.

Para terminar, qual a mensagem que o Centro de Ecologia Integral gostaria de deixar para nossos leitores, da Revista Ecologia Integral, neste aniversário de três anos da ong?

Estamos todos de parabéns, colaboradores, parceiros, amigos, leitores e incentivadores que nos nutrem diariamente com sua participação, comentários e sugestões. Para encerrar vamos repetir um parágrafo do editorial da primeira edição da Revista Ecologia Integral: “Estamos apenas no começo, com muita esperança. Existem muitos desafios, alguns obstáculos a serem superados, mas há uma certeza: é possível transformar sonhos em realidade, principalmente quando trabalhamos juntos guiados pelos verdadeiros valores humanos. Lembrando que ‘utopia não é o irrealizável e sim o irrealizado’ (Leonardo Boff), o Cei convida a todos para assumirem o seu papel neste processo de transformação por uma cultura de paz e pela ecologia integral. Um grande abraço a todos.”

A opinião de alguns colaboradores do Cei

“O Centro de Ecologia Integral é um espaço extremamente acolhedor e onde predomina a generosidade. É um dos poucos lugares onde eu vejo isso acontecer. Um lugar aberto para o novo, sem arrogância ou autoritarismo da parte de seus diretores e sem a predominância da questão financeira.”

Elton Duraes - Filósofo e professor de Yoga Taoísta

“O Cei representa uma novidade em termos de organização não-governamental pela forma com que a direção trata as pessoas que acabam tornando-se co-responsáveis pela instituição. É uma forma diferente de relação que proporciona total liberdade para as pessoas e torna seus participantes mais políticos. Há também uma postura diferenciada e coerente com seu discurso: o da não competitividade, da aceitação e respeito pelas diferenças, do sabe ouvir o outro, sem vaidade. Há também muita coragem em investir em algo novo, como é a Revista Ecologia Integral, que leva conhecimento para tantos lugares. É um exemplo de bondade, compreensão e de espírito de doação.”

Irma Reis - Jornalista e professora de práticas corporais chinesas

“O Centro de Ecologia Integral tem um significado para mim que é o de um espaço para se fazer a história que os livros não contam; a história de construção de um mundo mais justo, através do otimismo, da participação voluntária, da esperança e da ação solidária de pessoas que sabem que a utopia serve para nos fazer caminhar sempre.”

Ana Mansoldo - Psicóloga e educadora ambiental

“O Centro de Ecologia Integral traz uma proposta inovadora porque resgata o sentido da palavra ecologia que não significa só natureza e sim o ‘estudo da casa’. É o resgate da idéia de que ‘a gente faz parte da natureza’, interligação que foi perdida pelas pessoas com o passar do tempo. O Cei é um lugar diferente por causa de sua filosofia e disponibilidade, está sempre aberto a todos.”

Iracema Gomes - Administradora, educadora ambiental e professora de Ikebana

Triste realidade: aumento da violência no país

Os números comprovam o que presenciávamos nas ruas e nos noticiários: a violência no país aumentou nos últimos anos. De 1980 a 2000, mais de 2 milhões de pessoas morreram por causas violentas - homicídio, suicídio, acidentes e outras causas não naturais - no país, segundo a pesquisa Síntese dos Indicadores Sociais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Em vinte anos, a taxa de mortalidade por homicídio cresceu 130%, passando de 11,7 por cada 100 mil habitantes para 27 por 100 mil. As maiores taxas estão nos estados de Pernambuco, 54, Rio de Janeiro, 51, Espírito Santo, 46 e São Paulo, 42.

Considerando-se apenas os homens, a

taxa de homicídios cresceu 134%, no mesmo período: enquanto, em 1980, 21 a cada 100 mil homens morriam assassinados, em 2000 a proporção cresceu para 49 por 100 mil.

Jovens vítimas

Os homens jovens, de 15 a 24 anos, são os mais afetados: em 2000, 96 a cada 100 mil homens dessa faixa de idade morreram, vítimas de homicídio, sendo 72 em cada 100 mil (ou seja, 75%) mortos com armas de fogo. Em relação a 1991, cresceu 46% a taxa de homicídios de homens jovens (era de 65 a cada 100 mil) e aumentou 95% a taxa dos realizados com armas de fogo (era de 36 por 100 mil, ou 56% do total).

Estados campeões

Rio de Janeiro e Pernambuco são os estados onde a violência contra o homem jovem é maior. No Rio de Janeiro, em 2000, havia 205 homicídios por 100 mil homens de 15 a 24 anos, sendo que as mortes por armas de fogo representavam 89% deste total. De 1991 para 2000, as mortes de homens jovens por armas de fogo cresceram 45% no estado, passando de 124 por 100 mil

para 181 a cada 100 mil.

Em Pernambuco, em 2000, por sua vez, havia 198 homicídios para cada 100 mil homens jovens, 91% deles com armas de fogo. De 1991 para 2000, o crescimento das mortes de homens jovens por armas de fogo foi de 121%, passando a taxa de 81 por 100 mil para 179 por 100 mil.

Enquanto, em 1980, os acidentes de trânsito eram a principal causa de mortes violentas, em 2000 os homicídios assumem esse posto. Entre 1991 e 2000, a proporção de mortes por acidentes de trânsito, no total de causas externas, caiu 10,4%, passando a 25% do total, enquanto a de homicídios cresceu 27,2% e chegou a 38,3% do total.

A pesquisa é a quinta versão de um estudo denominado Síntese de Indicadores Sociais, com dados coletados até 2002.

O estudo, que está dividido em tópicos como saúde, educação, trabalho, família e cor, faz uma comparação entre dados coletados desde 1980. Além dos dados relativos à violência, o estudo identifica também avanços nas áreas de saúde e educação nos últimos anos, além de demonstrar o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho.

Foto: Inconsciente

Números mundiais

Cerca de 11% dos homicídios cometidos no planeta acontecem no Brasil, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud, apesar de o Brasil representar apenas 2,8% da população mundial.

No Brasil, 40 mil pessoas são mortas anualmente com o uso de armas de fogo. Este número é superior ao das vítimas da guerra do Iraque. Portanto, num país que está em paz é difícil conceber que haja tantas mortes resultantes da utilização indevida das armas, questionam os representantes do Pnud no país.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, ONU, o setor privado gasta mais de R\$ 70 bilhões por ano com a chamada indústria do medo, o que faz com que muitos investimentos deixem de ser feitos na área social para serem aplicados na segurança.

As desigualdades sociais visíveis nos grandes centros urbanos, além do desemprego e da falta de investimentos públicos em educação, são algumas das causas da violência



Projetos por uma cultura de paz

Quais as iniciativas que estão dando bons resultados no combate à violência no Brasil? São muitos os projetos que visam a promoção da cidadania participativa e a garantia do básico indispensável para a dignidade humana: primeiros passos para a promoção de uma cultura de paz. Na medida em que uma pessoa tem acesso à saúde, à educação, ao trabalho, à moradia e à gestão participativa, as situações de conflitos diminuem e os índices de violência seguem o mesmo caminho.

As iniciativas governamentais com programas de desenvolvimento econômico, social e humano para as populações mais carentes, juntamente com o trabalho dos órgãos da Polícia e da Justiça podem reverter

o quadro de violência hoje instalado no país.

E as soluções inovadoras surgem nas comunidades, principalmente através da participação popular e do trabalho voluntário, nas organizações não-governamentais, dentro das igrejas, escolas e associações de moradores.

Projetos de arte, dança, teatro, circo, música, escolinhas de esportes, grandes mutirões de cidadania, debates, orçamento

participativo, dentre outros, são formas da população se mobilizar na busca de seus direitos dentro de uma cultura de paz.

Os exemplos práticos, deste grande movimento contra a violência podem ser visto nos seguintes casos: jovens e crianças que, além da rotina escolar, participam de atividades artísticas, culturais e de lazer, durante seu tempo livre; donas de casa, desempregados e idosos formam cooperativas de trabalho e conseguem uma fonte de renda com base na organização coletiva e condenados e jovens infratores ganham novas oportunidades de recuperação.



Aprendizes da Unipaz-MG. A Universidade da Paz, através de seus programas, é uma instituição voltada para a cultura de paz. A Unipaz de São Paulo vai coordenar a Febem daquele estado que passará a se chamar Projeto Carcerar.



O trabalho desenvolvido pela Associação de Proteção e Assistência ao Condenado - Apac, da cidade de Diamma, e referência internacional de recuperação de detentos.

Jovens aprendem música, teatro, esportes gratuitamente na Associação Cultural Bloco Oficina Yambôkô, de Belo Horizonte.



Prêmio para iniciativas contra a violência

Os trabalhos de organizações não-governamentais e sem fins lucrativos que contribuem para a diminuição da violência no país serão premiados. O "Prêmio IBCCRIM Cidadania e Responsabilidade - Terceiro Setor: O poder transformador da Sociedade, encontrando soluções" é destinado a projetos em favor de pessoas em situação de vulnerabilidade social em decorrência de violência institucionalizada (tortura, abuso de força policial, terrorismo,

pobreza, fome, doenças entre outras).

Projetos e trabalhos acadêmicos podem ser inscritos em quatro categorias: IBCCRIM Cidadania e Responsabilidade (para o melhor trabalho ou projeto), IBCCRIM Ciência e Consciência (para a tese ou projeto de mais destaque), IBCCRIM Direitos Humanos (ao melhor trabalho ou projeto apresentado) e IBCCRIM Destaque Cidadão (creditado à personalidade de mais destaque na defesa e construção da cidadania no Brasil).

As inscrições para a primeira edição do "Prêmio IBCCRIM Cidadania e Responsabilidade - Terceiro Setor: o poder transformador da sociedade, encontrando soluções" serão aceitas até o dia 31 de julho.

O regulamento e a ficha de inscrição do prêmio do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, IBCCRIM, podem ser encontrados no endereço www.ibccrim.org.br ou pelo endereço eletrônico assimprensa@ibccrim.org.br ou pelo telefone (11) 3105-4607, ramal: 153.

Povos indígenas

passado, presente e futuro

Índio: este foi o nome dado aos nativos encontrados pelos europeus ao chegarem no nosso país em 22 de abril de 1500, já que pensaram ter chegado às Índias, onde de fato pretendiam desembarcar. Os europeus continuaram a chamá-los assim mesmo depois de descobrirem que não estavam na Ásia e sim em um outro continente. A denominação genérica encobria, propositalmente, todas as diferenças lingüísticas e culturais dos vários povos nativos que aqui estavam. Todos os nativos eram considerados iguais entre si e inferiores ao “homem branco”, na visão do colonizador que queria impor sua dominação política, econômica e religiosa.



Apesar do contato com a sociedade, muitos povos indígenas ainda guardam suas tradições como forma de manter sua identidade e preservar sua cultura para as gerações futuras.



O que sabemos sobre os índios no Brasil?

Apesar de nossa convivência de 504 anos, sabemos muito pouco sobre os diversos povos indígenas que vivem no território brasileiro. Isto porque desde a chegada dos portugueses ao Brasil, iniciou-se um rápido e intenso processo de destruição cultural desses povos. Além disso, a imagem que foi construída acerca dos índios foi a visão do dominador sobre os dominados ou sobre aqueles que os europeus gostariam que fossem seus subordinados.

O interesse em tomar posse das terras que acabavam de encontrar fez com que os europeus julgassem os índios - aqueles que eram diferentes do padrão europeu civilizado - seres inferiores. Os índios foram considerados incapazes e ignorantes e toda a diversidade cultural dos povos nativos foi desconsiderada. A exploração que se iniciou naquele momento marcou o futuro dos indígenas no Brasil.

Preconceito e romantismo

Nestes 504 anos, os índios foram descritos de muitas formas. Por um lado, eles foram vistos de forma romântica e idealizada, como verdadeiros heróis, habitantes das selvas e amigos da natureza, e, por outro, de forma brutalizada e preconceituosa, como seres preguiçosos e traiçoeiros, como mostram documentos da época e vários exemplos da literatura portuguesa e brasileira.

A dominação política, ideológica e econômica sobre os indígenas se fez muito em função dos interesses em suas terras e nos recursos naturais, tais como madeira e minérios. Ao questionar o modo de vida dos indígenas, os europeus, na realidade, procuravam justificar todo tipo de ação contra os índios e a invasão de seus territórios.

População indígena

Não existem informações precisas sobre o número de índios existentes no Brasil em 1500. Estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos, somando entre 2 e 4 milhões de pessoas, sendo que algumas estatísticas chegam a 10 ou 20 milhões. Hoje, são cerca de 220 povos que falam mais de 180 línguas diferentes e totalizam aproximadamente 370 mil indivíduos (*dados do Instituto Socioambiental*). A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de mais de 600 Terras Indígenas, TIs, de norte a sul do território nacional.

A expressão genérica “povos indígenas” refere-se a grupos humanos espalhados por todo o mundo e que são bastante diferentes entre si. Apenas no Brasil, são mais de 200 povos diferentes, ou seja, uma única palavra denomina uma enorme diversidade de características, mesmo dentro de um único território.

No Brasil e em outros países, utiliza-se a expressão *povos indígenas*, enquanto que na Austrália, por exemplo, a forma genérica para designá-los seja *aborígenes*. Indígena ou aborígene, como ensina o dicionário, quer dizer “originário de determinado país, região ou localidade; nativo”. Aliás, *nativos* e *autóctones* são outras expressões usadas ao redor do mundo para denominar esses povos.

Mas, afinal, o que todos os povos indígenas têm em comum? Antes de tudo, o fato de cada qual se identificar como coletividade específica, distinta de outras com as quais convive e, principalmente, do conjunto da sociedade do país onde está.

A primeira impressão dos portugueses

Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel, de Portugal, relatando o descobrimento do Brasil em 1500

(...) “Quarta-feira, 22 de abril: Neste dia, a horas de véspera, bouvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz.

(...) Sexta-feira, 24 de abril: (...) A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. (...) Mostram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados. (...) Eles não lavram,

nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que acostuada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. (...) Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora nos achávamos como os de lá. Águas são muitas, infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” (...)

Fonte: Almanaque Brasil (Editora Terceiro Mundo)

O que realmente podemos afirmar sobre os povos indígenas no Brasil?

1. Nestas terras colonizadas por portugueses, onde viria a se formar um país chamado Brasil, já havia populações humanas.
2. Não sabemos exatamente de onde vieram; dizemos que são “originárias” ou “nativas” porque estavam por aqui antes da ocupação européia.
3. Certos grupos de pessoas que vivem no território brasileiro atual estão historicamente vinculados a esses primeiros povos.
4. Os índios que estão hoje no Brasil têm uma longa história, que começou a se diferenciar daquela da civilização ocidental ainda na chamada “pré-história” (com fluxos migratórios do “Velho Mundo” para a América ocorridos há dezenas de milhares de anos); a história “deles” voltou a se aproximar da “nossa” há cerca, apenas, de 500 anos (com a chegada dos portugueses).
5. Como todo grupo humano, os povos indígenas têm culturas que resultam da história de relações que se dão entre os próprios homens e entre estes e o meio ambiente; uma história que, no seu caso, foi (e continua sendo) drasticamente alterada pela realidade da colonização.
6. A divisão territorial em países (Brasil, Venezuela, Bolívia, Argentina...) não coincide, necessariamente, com a ocupação indígena do espaço geográfico; em muitos casos, há povos que vivem dos dois lados de fronteiras internacionais, criadas muito depois de eles já estarem na região; é por isso que faz mais sentido dizer povos indígenas “no Brasil” do que “do Brasil”.

Quais povos podem ser chamados de índios?

Nas últimas décadas, o critério da auto-identificação étnica vem sendo o mais amplamente aceito pelos estudiosos da temática indígena. Na década de 50, o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro baseou-se na definição elaborada pelos participantes do II Congresso Indigenista Interamericano, no Peru, em 1949, para assim definir, no texto “Culturas e línguas indígenas do Brasil”, o indígena como: “(...) aquela parcela da população brasileira que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo o indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com quem está em contato”.

Uma definição muito semelhante foi adotada pelo Estatuto do Índio (Lei nº. 6.001, de 19.12.1973), que norteou as relações do Estado brasileiro com as populações indígenas até a promulgação da Constituição de 1988.

Foto: Iracema Gomes



São considerados indígenas os povos que habitavam o território brasileiro antes da chegada dos colonizadores em 1500 e seus descendentes

Genocídio em toda a América

Apesar da inexistência de números precisos, apenas estimativas, sobre as populações nativas da América, é conhecido o grande impacto causado pela chegada dos europeus. Para este enorme genocídio foram utilizadas algumas táticas ainda comuns nos dias de hoje como epidemias, fome, deslocamentos, confinamentos, guerras e trabalhos forçados. Dezenas de milhares de pessoas morreram em consequência do contato direto e indireto com os europeus e as doenças por eles trazidas. Doenças hoje banais, como gripe, sarampo e coqueluche, e outras mais graves, como tuberculose e varíola, vitimaram, muitas vezes, sociedades indígenas inteiras, por não terem os índios imunidade natural a estes males. No México, a população foi reduzida de 25 milhões de índios para 1 milhão e 250 mil pessoas. Dos 9 milhões de indígenas que habitavam o império Inca, na região dos países Peru, Equador, Bolívia e norte do Chile, 6 milhões e 400 mil índios foram dizimados num período de cem anos.

A criação do Dia do Índio

A história dos povos indígenas das Américas teve um momento marcante que culminou na criação do Dia do Índio, em 19 de abril. O I Congresso Indigenista Interamericano, realizado em 1940, na cidade de Patzcuaro, no México, reuniu representantes de todos países da América para discutir assuntos das sociedades indígenas de cada país. O Congresso foi um evento importante, não só por ter instituído o "Dia do Índio", mas principalmente por ter deliberado a criação do Instituto Indigenista Internacional, com sede no México, cuja finalidade é zelar pela garantia dos direitos indígenas nas Américas. Ao Instituto Indigenista Interamericano encontram-se ligados os Institutos Indigenistas Nacionais. O Brasil adotou a data 19 de abril como Dia do Índio a partir do ano de 1943.

Os números da população indígena

O Brasil possui uma imensa diversidade étnica e lingüística, estando entre as maiores do mundo. Hoje, no Brasil, vivem cerca de 370 mil índios, falando cerca de 180 línguas pertencentes a mais de 30 famílias lingüísticas diferentes. Eles estão distribuídos entre 220 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,2% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também indícios da existência de mais ou menos 53 grupos ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

Crescimento da população indígena

A população indígena total tem crescido nos últimos 25 anos, embora povos específicos tenham diminuído demograficamente e alguns estejam até ameaçados de extinção. Na listagem de povos indígenas no Brasil contemporâneo elaborada pelo Instituto Sociambiental, Isa, 12 deles têm populações entre 2 e 38 indivíduos, apenas.

Dos 218 povos listados, 40 (18,5%) têm parte da sua população residindo em outros países. Mesmo quando há informações demográficas a respeito, essas parcelas não foram consideradas nem na estimativa global para o Brasil, nem para esta classificação. (Veja quadro ao lado)

61	povos (28,2%) têm uma população de	até 200	indivíduos;
50	(23,1%) entre	201-500 ;	
37	(17,1%) entre	501-1.000 ;	
43	(19,9%) entre	1.001-5.000 ;	
9	(4,1%) entre	5.001-10.000 ;	
5	(2,3%) entre	10.001-20.000 ;	
1	entre	20.001-30.000 ;	
2	com	mais de 30.000 .	

Fonte: Instituto Sociambiental

As línguas indígenas

Atualmente, mais de 180 línguas e dialetos são falados pelos povos indígenas no Brasil, sem contar aquelas faladas pelos índios isolados, uma vez que suas línguas ainda não puderam ser estudadas e conhecidas. Elas integram o acervo de quase seis mil línguas faladas no mundo contemporâneo. Antes da chegada dos portugueses, contudo, só no Brasil esse número devia ser próximo de mil.

No processo de colonização, a língua Tupinambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada ao índios nas missões e reconhecida como língua geral. Até hoje, muitas palavras de origem Tupi fazem parte do vocabulário dos brasileiros.

Assim como o Tupi influenciou o português falado no Brasil, o contato entre os povos faz com que as línguas indígenas não existam isoladamente e estejam em constante modificação. Além de influências mútuas, as línguas guardam entre si origens comuns, integrando famílias lingüísticas, que, por sua vez, podem fazer parte de divisões mais englobantes, os troncos lingüísticos (troncos e famílias). Assim como as línguas não são isoladas, os seus falantes também não são. Há muitos povos e indivíduos indígenas que falam e entendem mais de uma língua e até mesmo dentro de uma mesma aldeia fala-se várias línguas, o chamado multilingüismo.

Em meio a essa diversidade, apenas 11 línguas têm acima de cinco mil falantes: Baniwa, Guajajara, Kaingang, Kayapó, Makuxi, Sateré-mawé, Terena, Ticuna, Xavante, Yanomami e Guarani, esta sendo falada por uma população de aproximadamente 30 mil pessoas. Em contrapartida, cerca de 110 línguas contam com menos de 400 falantes.

A classificação das línguas

A língua é o principal meio de comunicação e expressão de uma determinada comunidade ou grupo. Para se classificar as línguas existentes no mundo, os lingüistas utilizam vários métodos. Na classificação genética, considerada a mais apropriada pelos lingüistas atuais, reúnem-se numa mesma classe as línguas que tenham tido origem comum numa outra língua mais antiga, já extinta. Desta forma, as línguas faladas pelos diversos povos da Terra são agrupadas em famílias lingüísticas e estas famílias são reunidas em troncos lingüísticos, sempre buscando a origem comum numa língua anterior.

O lingüista brasileiro Aryon Dall'Igna Rodrigues estabeleceu uma classificação das línguas indígenas faladas no Brasil, sendo esta a mais utilizada pela comunidade científica que se dedica aos estudos sobre as populações indígenas.

As línguas são agrupadas em famílias, classificadas como pertencentes aos troncos Tupi, Macro-Jê e Aruak. Há famílias, entretanto, que não puderam ser identificadas como relacionadas a nenhum destes troncos e outras que não puderam ser classificadas pelos lingüistas dentro de nenhuma família, permanecendo não-classificadas ou isoladas. E ainda existem as línguas que se subdividem em diferentes dialetos.

Há sociedades indígenas que gradativamente foram substituindo suas línguas originais pelo português devido ao longo contato com a sociedade brasileira. De algumas dessas línguas não mais faladas ficaram registros de grupos de vocábulos e informações esparsas, que nem sempre permitem aos lingüistas suficiente conhecimento para classificá-las em alguma família. De algumas outras línguas, não ficaram nem resquícios.

Sobre os nomes dos povos

Por serem ágrafos, os povos indígenas tradicionais não possuem registro escrito de sua cultura e língua. Desde os primeiros contatos com os europeus, os povos indígenas foram batizados do ponto de vista da língua do não-índio, o que deu margem a muitos erros de grafias e significados que perduram até hoje.

Como as línguas indígenas têm sons que não encontram representação direta nas letras do alfabeto brasileiro, os antropólogos são obrigados a recorrer a outras letras e combinações de letras. Buscam, então, usar letras cuja interpretação sonora se aproxime do alfabeto fonético internacional, usado pelos lingüistas de todo o mundo, e não do alfabeto brasileiro.

Boa parte dos nomes correntes hoje, assim como no passado, para designar os povos indígenas no Brasil foram atribuídos por outros povos, freqüentemente inimigos e, por isso mesmo, carregam conotações inadequadas. Kayapó, por exemplo, significa 'semelhante a macaco'.

Nesses tempos de primeiros contatos, de comunicação precária com tribos desconhecidas, alguns povos passaram a ser denominados pelo nome de algum dos seus indivíduos ou frações. Sem entender a língua dos indígenas, os erros de interpretação eram constantes e os povos acabavam sendo conhecidos por nomes atribuídos por razões absolutamente aleatórias. Cinta-Larga, por exemplo, foi o nome dado por sertanistas da Funai aos índios que usavam largas cintas de entrecasca de árvore quando foram contactados no final da década de 60, em Rondônia.

A introdução da escrita

A escrita, em geral, serve para registrar a história, a literatura, as crenças religiosas, o conhecimento de um povo. O aprendizado da escrita em português tem para os povos indígenas funções muito claras: defesa e possibilidade de exercerem sua cidadania, e acesso a conhecimentos de outras sociedades.

Já a escrita das línguas indígenas é uma questão complexa, e precisa ser pensada com cuidado, discutindo-se muito bem as suas implicações.

Um argumento contrário ao uso escrito das línguas indígenas consiste no fato de que a introdução dessa prática pode resultar em uma imposição do modo de vida ocidental, acarretando desinteresse pela tradição oral e impelindo à criação de desigualdades no interior da sociedade, por exemplo, entre indivíduos letrados e não-letrados.

Um forte argumento a favor da introdução do uso escrito das línguas indígenas é que limitar essas línguas a usos exclusivamente orais significa mantê-las em posições de pouco prestígio e de baixa funcionalidade, diminuindo suas chances de sobrevivência em situações contemporâneas. Utilizá-las por escrito, por outro lado, significa que essas línguas estarão fazendo frente às invasões da língua portuguesa. Estarão, elas mesmas, invadindo um domínio da língua majoritária e conquistando um de seus mais importantes territórios. *(Texto condensado e adaptado do documento - Referencial curricular nacional para as escolas indígenas, Brasília: MEC, 1998).*

As artes indígenas

Com a utilização de pigmentos, plumas, fibras vegetais, argila, madeira e pedra, dentre outros materiais, a produção de cada povo indígena apresenta características específicas. Os artefatos indígenas são confeccionados para uso cotidiano ou especialmente para os seus rituais.

Cuias, cestos, cabaças, redes, remos, flechas, bancos, máscaras, esculturas, mantos, cocares são alguns tipos de peças que mostram as artes indígenas. Mas a expressão artística dos povos indígenas também pode ser conferida em seus próprios corpos, com as pinturas e a colocação de peças na própria pele, além da dança e da música.

Nas relações entre os povos, os artefatos também são objeto de troca, inclusive com o "homem branco". Ultimamente, o comércio indígena com a sociedade tem apontado uma alternativa de geração de renda por meio da valorização e divulgação de sua produção cultural. A Arte Baniwa, marca criada por índios Baniwa do Alto rio Negro, no estado do Amazonas, é um exemplo bem sucedido de venda de artesanato indígena.

Artesanato produzido e comercializado pelo povo indígena Bororo de Minas Gerais

A manutenção da saúde

O respeito aos ritmos e ciclos do organismo, vida ativa com a prática de exercícios físicos, descanso, sono e alimentação à base de frutas, mel e raízes são a base dos cuidados que os indígenas têm com o próprio corpo.

Na concepção indígena geral, a percepção do significado de saúde e doença está relacionado aos mitos e símbolos presentes em sua cultura. Para os índios, a prevenção de doenças também está relacionada com o bem-estar do povo e da natureza.

A natureza é a fonte de cura de muitos dos males vividos pelos indígenas. Diversos tipos de raízes, sementes, folhas, flores são utilizados para o tratamento e prevenção de doenças. Muitas espécies vegetais utilizadas pelos indígenas para a cura de doenças foram também incorporadas à cultura européia e à cultura brasileira. A utilização farmacêutica, cosmética e alimentícia das principais espécies vegetais hoje utilizadas foram inicialmente experimentadas e aprimoradas pelos indígenas em toda a América. Das espécies alimentícias podemos citar a batata-inglesa (erroneamente chamada de inglesa, pois é originária do Peru), o milho, a mandioca, o tomate, feijões e favas, o amendoim, o mamão, o caju, o cacau e as menos conhecidas como guacari, ingá, cupuaçu, araticum etc. O uso do látex, extraído da seringueira, foi inicialmente utilizado pelos índios para confeccionar bolas e impermeabilizar objetos.

Grande parte dos medicamentos utilizados por laboratórios tem como base as plantas curativas indígenas. Algumas receitas indígenas como a pamonha, o cuscuz e a canjica foram difundidas pela população em geral.



A medicina tradicional indígena

A sabedoria dos povos Tupi-Guarani, contada por Kaka Werá Jecupé

O indígena Kaka Werá Jecupé esteve na Universidade da Paz falando sobre “A arte de cura dos pajés segundo a tradição sagrada Tupi-Guarani”. Ele nos conta que a tradição indígena tem cerca de 25.000 anos e a raiz de sua espiritualidade vem dos povos ancestrais. “A espiritualidade começa na natureza e a religião nasce quando o ser humano vai formando cidades, se distanciando da sua ligação com o todo e aí surge a necessidade do ‘religare’. A religiosidade permite este equilíbrio”, segundo Kaka.

O respeito pela natureza é um valor da tradição indígena Tupi-Guarani visto que são as culturas indígenas que vão se adequando aos ecossistemas locais e não o contrário. A natureza é a principal fonte de inspiração indígena. A propósito, ele nos lembra que os grandes mestres da humanidade se “iluminaram” em florestas, montanhas, desertos, mostrando profunda integração com o mundo natural.

Apesar dos colonizadores procurarem apagar o saber indígena e suas tradições e a sociedade brasileira não se reconhecer nestas culturas ancestrais, são muitas as escolas de sabedoria da tradição indígena que deixaram contribuições de filosofia e de cura. *(Veja boxe sobre as três medicinas da tradição Tupi-Guarani ao lado.)*

Segundo ele, na tradição Tupi, o ser humano é um som que se colocou num corpo físico, sendo sua essência um som sagrado. Todas as pessoas teriam uma sequência rítmica e sonora que carrega uma qualidade de energia, um conjunto de sons e vibrações de cada ser. Tupã significa Grande Som, na língua abanhaenga, a língua que originou o Tupi. *Tu* quer dizer som e barulho, e *pan*, expansão, fluir.

Kaka conta que “o ser humano é também uma porção de luz que vem do sol e que é preenchida dos quatro elementos para que ele possa ter uma vida temporária e material. Esta luz tem qualidades ancestrais. Nossa forma e nossa essência são luz. Os quatro elementos: a terra (que agrega e dá a concentração), a água (que dá as emoções), o ar (que expande e que direciona) e o fogo (que vivifica e que dá o poder) são também um desdobramento dessa luz”. E ele finaliza: “as qualidades primordiais de cada essência são o amor, a sabedoria e a vontade. Devemos nos purificar diariamente e a nossa alma é que deve dar a direção da nossa vida.”

O índio Kaka Werá fala do respeito da tradição Tupi-Guarani pelos elementos da natureza.



As três medicinas

Segundo as tradições indígenas, são três os tipos de medicina: do sol, da lua e do sonho.

Medicina do sol

É uma medicina praticada principalmente pela tradição Tupi. A cura se dá através da transmissão de sons, cada som ligado a um elemento da natureza. Para esta tradição, a alma mora no coração e expressa-se na garganta. Pensamentos puros geram palavras puras. Segundo esta medicina, tudo que é expresso pelo ser humano é um espírito que tem força viva que se extravasa ou fica contido gerando doença. Reconhece e valoriza a palavra e usa o poder do canto e a natureza viva. A medicina do sol se utiliza de cantos, danças e dos quatro elementos da natureza.

Medicina da lua

Utiliza para a cura os elementos da natureza como a terra, a água, o fogo, o ar e as plantas de poder, principalmente os cipós (representando a energia masculina) e as folhas (representando a energia feminina). Dos cipós e folhas são feitos chás, que ingeridos promovem a expansão da consciência. Somente o pajé faz esta prática pois ele se preparou para isso, purificando-se. É uma medicina em especial da tradição dos povos da Amazônia.

Medicina do sonho

Para a tradição Tapuia, a dimensão que vivemos é fruto de um sonho. Aprendemos muito mais se entramos em contato com a verdadeira realidade e isso acontece quando dormimos. Existem três tipos de sonho. O primeiro são lembranças do dia e só de contá-los curamos uma parte da nossa alma, pois há uma limpeza, uma desintoxicação psíquica. No segundo tipo, fazemos contato com o mundo paralelo, vivenciando experiências que podemos compartilhar ou não. O terceiro é o sonho do mundo espiritual, dos mestres espirituais, onde temos experiências profundas, quando a nossa alma é revitalizada, nutrida. Através dos contatos com outros níveis dimensionais, inclusive os sonhos, é que veio o aprendizado sobre os usos das ervas, dos cantos de cura e das pinturas corporais.

A importância da terra

Para os povos indígenas a sua terra é um espaço vital e singular. No local onde nasceram e viveram seus ancestrais, os indígenas esperam preservar sua cultura e costumes como garantia para a existência de seu povo. A terra não é, como na mentalidade capitalista, somente fator econômico-produtivo ou um bem comercial, de propriedade individual, que pode ser adquirido, transferido ou alienado, segundo as leis do mercado. A terra, segundo o pensamento indígena, é o local de sua identidade e da sua organização social própria, por isso defendem com vigor seu território de invasores.

Conflitos entre os índios Cinta-Larga e garimpeiros em Rondônia

A morte de 29 garimpeiros no interior do garimpo ilegal da Terra Indígena Roosevelt, em Rondônia, resultado de conflitos com índios Cinta-Larga, deu início a uma ampla discussão acerca dos direitos dos povos indígenas. Os conflitos entre índios Cinta-Larga e garimpeiros nesta região se arrastam há alguns anos. Apesar da mineração em terras indígenas ser ilegal, a exploração e o contrabando de diamantes na região era de conhecimento da Polícia Federal e da Funai, há algum tempo.

Desde o assassinato de Carlito Cinta-Larga, ainda não resolvido, em dezembro de 2001, a situação na região se agravou. Ao longo de 2002, foram feitas várias tentativas no sentido de expulsar os garimpeiros. Mas eles sempre retornaram. O resultado deste impasse de 1999 até hoje são dezenas de mortes e emboscadas com baixas tanto para os índios quanto para os garimpeiros. O confronto ocorrido no início do mês de abril é consequência da tensão latente entre os dois grupos, fartamente denunciada e divulgada em foros nacionais e internacionais, e não resolvida pelo governo brasileiro.

A corrida pelos diamantes

A história dos Cinta-Larga é marcada por confrontos desde os anos 1920, quando suas áreas começaram a ser invadidas por exploradores. Primeiro, foram borracheiros, seringueiros e depois vieram os madeireiros, que praticamente arrasaram com a floresta para retirar madeira nobre. Em 1999, com a descoberta da jazida de diamantes na Reserva Roosevelt, considerada uma das maiores do Brasil, chegaram os garimpeiros que resistem em desocupar o local.

Onde vivem os Cinta-Larga

São aproximadamente 1.300 índios (eram cerca de 5 mil em 1968), dispersos em 25 aldeias e oito postos indígenas nas Terras Indígenas Roosevelt, Parque Aripuanã, Aripuanã e Serra Morena, localizadas na fronteira de Mato Grosso com Rondônia.

Principais acontecimentos

1963 - Uma aldeia Cinta-Larga, na beira do Rio Aripuanã, é atacada por seringalistas da Companhia Andrade e Junqueira. É o chamado Massacre do Paralelo 11. Por conta disso, o Estado Brasileiro é denunciado pela primeira vez internacionalmente por violação aos direitos indígenas.

1969 - A recém-criada Fundação Nacional do Índio faz contato com os Cinta-Larga.

1999 - Descoberta a jazida de diamantes na TI Roosevelt.

2000 - Garimpeiros invadem as terras dos Cinta-Larga em busca de diamantes.

Dez. 2001/2002 - Índios Cinta-Larga são assassinados: Carlito Cinta-Larga (dezembro de 2001) e César Cinta-Larga (abril de 2002).

Março de 2002 - Começa a desintrusão no garimpo.

Abril de 2002 - Quatro caciques Cinta-Larga (Nacoça Pio, João Cinta-Larga, Alzac Tataré e Amaral) são presos pela Polícia Federal. Nova invasão dos garimpeiros.

Janeiro a agosto de 2003 - Efetiva-se a desintrusão do garimpo.

Junho de 2003 - Relatório sobre Direitos Humanos Econômicos Sociais e Culturais denuncia o caso do povo Cinta-Larga.

Outubro de 2003 - Garimpeiros ameaçam invadir a área. Comissão Parlamentar de Direitos Humanos visita aldeia Roosevelt. Índios se queixam do assédio e da violência a que estão expostos e dizem que irão resistir contra as invasões.

Novembro de 2003 - O Relator Nacional para o Direito Humano ao Meio Ambiente, Jean-Pierre Leroy, vai à área acompanhado da Subprocuradora Geral da República, Dra. Ella Volkmer. Na volta faz um relatório e envia ao governó alertando para a gravidade da situação dos Cinta-Larga.

Abril de 2004 - 29 garimpeiros são encontrados mortos na TI Roosevelt (RO).

Mai de 2004 - Governo federal estuda regulamentação de garimpos e exploração de madeira em Terras Indígenas.

Líderes indígenas reivindicam seus direitos em Brasília

“Às autoridades públicas brasileiras,

Nós, povos indígenas Macuxi, Yanomami, Wapichana, Wai Wai, Guarani, Guarani-Kaiowá, Xucuru, Xucuru-Kariri, Yawanawá, Apurinã, Tupinambá, Xokleng, Kaingang, Xerente, Ingaricó, Terena, Karajá, Xavante, Saterê-Mawé, Tucano, Tapuia, Potiguara, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe, Kadiwel, Aticum, Kinikinawa, Guato, Kamba, Guana e Tikuna, unidos e presentes no acampamento TERRA LIVRE, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, vimos manifestar às autoridades, ao povo brasileiro e às pessoas de todo o mundo, os nossos pensamentos, projetos, sonhos e a nossa luta pela justiça e a defesa dos nossos direitos constitucionais garantidos aos Povos Indígenas do Brasil.

A terra é a nossa vida. Fonte e garantia da sobrevivência física e cultural desta e das futuras gerações. Por isso, é urgente, necessário e legal o cumprimento constitucional da regularização fundiária de todas as terras indígenas no Brasil. Queremos nesta manifestação pacífica afirmar que a homologação da TI Raposa Serra do Sol, no Estado de Roraima, conforme já demarcada pela Portaria nº 820/1998 do Ministério da Justiça, é a forma mais evidente do governo brasileiro demonstrar que reconhece seu compromisso com os povos indígenas.

Sabemos que os nossos direitos estão ameaçados por pressão de grupos econômicos e políticos que têm interesse em se apropriar de nossas terras, riquezas, e destruir nossas culturas e sociedades e estão organizados de Norte a Sul do país ameaçando e violentando nossas comunidades. Esses grupos, além da violência e da mentira, usam da chantagem e da barganha política para patrocinar um movimento no Congresso Nacional com o objetivo de mudar os artigos da Constituição que amparam os nossos direitos. Se isso vier a acontecer, veremos no governo Lula a abertura de uma porta para o extermínio físico e cultural de todos os povos. (...)

Manifestamos nossa preocupação com a situação do povo Cinta-Larga que vem sendo constantemente ameaçado. Não se deve incriminar aquele povo como vem sendo feito pela mídia. As invasões de garimpeiros, madeireiros e pescadores ilegais e outros provoca destruição nas comunidades indígenas e isso ocorre por falta de programas governamentais, seja no âmbito estadual ou federal. (...).

Brasília, 19 de abril de 2004.”



Foto: Marina D'Ávila (Arquivo Ministério do Meio Ambiente)

A ministra do meio ambiente Marina Silva recebe representantes da tribo Fumô em abril de 2003

Indígenas recorrem a apoio internacional

A advogada indígena Joênia Batista Carvalho encaminhou à Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, OEA, em nome do Conselho Indígena de Roraima, documento no qual denuncia o Estado Brasileiro por violar os direitos e garantias dos povos que habitam ancestralmente a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, que há cinco anos espera para ser homologada. Joênia pede, em nome dos povos indígenas da Raposa Serra do Sol, apoio internacional para que o Estado Brasileiro respeite os tratados internacionais dos quais é signatário, como por exemplo a Convenção 169 da Organização Interna-

cional do Trabalho.

Há mais de 25 anos, os índios de Raposa Serra do Sol aguardam o reconhecimento de seu território. A demarcação administrativa em área contínua da TI é um ato administrativo já consumado, que seguiu o procedimento estabelecido na legislação brasileira, dando possibilidades de defesa e contestação ao estado e terceiros instalados na região.

A Presidência da República deveria ter homologado essa terra, por decreto, desde 1998, como ato final de conclusão do processo de demarcação. No entanto, a resistência da classe política de Roraima contra os direitos indígenas vem impedindo,

a qualquer custo, a edição do decreto de homologação.

Cinta-Larga

Joênia já havia denunciado o governo brasileiro à Organização dos Estados Americanos em 2003. No ano passado, o presidente da Comissão de Direitos Humanos da organização recebeu documento de lideranças indígenas brasileiras denunciando violação aos direitos humanos dos povos indígenas que habitam a Raposa Serra do Sol e também dos índios Cinta-Larga, de Rondônia, que vivenciaram conflito com garimpeiros no último mês de abril.

você já pensou sobre isso?

Quando o ser humano muda a ordem natural das coisas...

Veja o exemplo da história do sapo cururu, ou Bufo marinus, na Austrália

O sapo cururu, originário da América do Sul e da América Central, foi introduzido na Austrália no ano de 1935. No início dos anos 30, a Austrália enfrentava um problema na agricultura: um inseto, o besouro-da-cana, estava destruindo as plantações e os agricultores não conseguiam controlar sua população. Uma cientista sugeriu que se usasse o *Bufo marinus*, ou sapo cururu, para predação do besouro. Esta idéia foi acatada pelos agricultores locais sem pesquisa de campo prévia e foram lançados nos canaviais 102 sapos adultos.

Logo nos primeiros meses observou-se que o sapo não utilizava o besouro em sua alimentação pois ele se instalava geralmente no alto das folhagens, fora do alcance dos

sapos. Além disto, os sapos preferiram o ambiente dos charcos, seu habitat natural nas Américas, não se instalando nas plantações e utilizando na sua alimentação a fauna dos charcos.

Na Austrália não existe predador natural do sapo e um grande número de aves morrem ao se envenenarem. Estima-se que o sapo reduziu 2/3 das cobras e lagartos das regiões atingidas. Na América do Sul, o quati raspa a pele do sapo no solo até que saia o veneno e só então ele se alimenta. Os animais australianos precisariam de vários anos para se adaptarem ao invasor.

Outro problema são os girinos dos sapos que se alimentam dos girinos das rãs nativas e os girinos das rãs que, ao se alimentarem

dos ovos do sapo, morrem envenenados, diminuindo a quantidade das rãs nativas. Isto agravou o problema já existente devido à poluição e à diminuição dos cursos d'água.

Existem estudos para a produção de vírus que só atingissem o sapo mas foram abandonados por falta de segurança. Atualmente tenta-se desenvolver ferormônios que atraiam as fêmeas através de armadilhas. Acredita-se que hoje existam cerca de 10 a 100 milhões destes animais entre o norte e o leste da Austrália e ele está quase invadindo o Parque Nacional de Kakadu que é Patrimônio Natural pela Unesco.

*Cristina Venturini
Bióloga e colaboradora
do Centro de Ecologia Integral - Cei*

Quando o ser humano aprende a conviver com a natureza...

A idéia do nordestino que ajudou às pessoas a sobreviver nos períodos de seca

“(...) Uma vasta região do Brasil, o semi-árido nordestino (11 estados, 1 milhão de quilômetros quadrados, mais de 24 milhões de habitantes), carece de água em quantidade suficiente. Durante décadas, o poder público pouco fez para enfrentar a estiagem. E muitos políticos criaram a “indústria da seca”, obtendo votos graças à exploração de caminhões-pipas.

Há mais de trinta anos, Nel, pedreiro de Simão Dias, no Sergipe, migrou para São Paulo em busca de trabalho. Empregou-se numa firma de manutenção de piscinas. Foi então que, ao retornar ao nordeste, teve a idéia de criar a mais revolucionária tecnologia de convivência com o semi-árido: a cisterna de placas de cimento, para captação de água da chuva.

Nel descobriu que em nenhum país onde neva, como no Canadá, há um Departamento Nacional de Combate à Neve. Não se combate a neve. Aprende-se a conviver com ela. No entanto, havia no Brasil um Departamento Nacional de Obras Contra as Secas... Nel ensinou-nos que se convive com a seca e combate-se a sede. E não é verdade que São Pedro castigou o Nordeste com

longos períodos de estiagem. Lá chove, mas em poucos dias. O segredo consiste em coletar essa água em cisternas e, assim, enfrentar os oito ou nove meses de estiagem. No ano que menos chove no Nordeste, cai água suficiente para encher a cisterna de 16 mil litros, o que permite a uma família de cinco pessoas enfrentar o período da seca.

Em 1999, foi criada a Articulação do Semi-árido Brasileiro (ASA), fórum que reúne mais de 700 entidades (sindicatos, ONGs, Igrejas, cooperativas, associações etc.) e desenvolve o programa Um Milhão de Cisternas (P1MC, www.asabrasil.org.br). Em 2002, sugeri ao Fome Zero fazer parceria com a ASA para implantar o Sede Zero. Muitas instituições, como a Febraban, abraçaram o P1MC, o que permitiu, até agora, mobilizar 34.075 famílias, capacitar 23.849 em recursos hídricos, formar 1.789 pedreiros e construir 26.537 cisternas em 533 municípios. Cada cisterna custa R\$ 1,4 mil.

A invenção de Nel é simples: cerca-se o telhado da casa com uma calha, da qual desce um cano ligado à cisterna. No primeiro minuto de chuva, deixa-se a água lavar a atmosfera e o telhado. Logo, abre-se o

conduto que leva a água do telhado à cisterna. Evita-se a contaminação utilizando água sanitária ou cloro. Essa água da cisterna liberta a família social, política e economicamente, pois serve para dar de beber aos animais da casa; livra crianças e mulheres da obrigação de carregar, por longos trajetos, água contaminada, permitindo-lhes estudar e trabalhar; aposenta caminhões-pipas e seus exploradores; e a água utilizada no banho e na limpeza das vasilhas é reutilizada para regar plantas, desde que jogada a dois ou três palmos de distância, de modo que a terra filtre os componentes químicos de detergente e sabão.

As gerações futuras haverão de nos questionar por que desperdiçamos tanta água e deixamos a da chuva entupir ralos e bueiros. E se chovesse petróleo, o que faríamos?”

Trecho da crônica “Cisternas”, escrita por Frei Betto e publicada no Jornal Estado de Minas 26/02/2004

Florinda explica

Os índios não são todos iguais

Cada tribo é de um jeito

Em 22 de abril de 1500, quando os navegadores portugueses chegaram no Brasil, eles encontraram muitas florestas e animais que não existiam na Europa, enormes rios e muitos povos diferentes, que eles chamaram de índios. Os europeus acharam estranho o modo de viver dos índios: não entenderam suas diversas línguas, a forma como andavam com os corpos nus e apenas cobertos de enfeites e pinturas, suas casas e seus alimentos, suas crenças e tradições. Desde que os portugueses chegaram no Brasil, os índios sofreram muito porque perderam suas terras e sua liberdade. Muitos povos foram extintos, ou seja, desapareceram para sempre, e os que existem atualmente se esforçam para manter suas tradições e recuperar sua identidade.

Alguns povos indígenas de Minas Gerais

Povo Maxacali

Povo guerreiro, seminômade, caçador, pescador e coletor, com muitos aspectos do seu universo sociocultural preservados. Por isso, podemos dizer que os Maxacali são um exemplo de resistência cultural indígena em Minas Gerais. A língua Maxacali pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê. Esses indígenas são as únicas pessoas que falam este idioma. Os Maxacali vivem no Vale do Mucuri, na região nordeste de Minas Gerais.

Povo Pataxó

Uma parte do povo Pataxó vive no sul da Bahia e outra em Minas Gerais, na Fazenda Guarani, no município de Carmésia. O artesanato é a principal atividade produtiva desenvolvida pelos índios Pataxó. Sua produção artesanal inclui utensílios domésticos, lanças, arcos e flechas feitos em madeira e diversos adornos, como brincos, colares, pulseiras e saíotes para rituais tradicionais.

Povo Xacriabá

Maior população indígena de Minas Gerais, o povo Xacriabá soma 6.800 indivíduos. Sua área situa-se no município de São João das Missões, região norte de Minas Gerais.

Povo Krenak

Os Krenak são os únicos descendentes, oficialmente reconhecidos, dos antigos Aimorés da época colonial, ou dos Botocudos, como ficaram conhecidos a partir do século XVIII. Tanto botocudo quanto aimoré são nomes pejorativos dados pelos portugueses. Os Krenak hoje habitam um território situado a 16 km da cidade de Resplendor, na margem esquerda do Rio Doce, em Minas Gerais.



Alguns povos indígenas da Amazônia

Gavião

Os índios Gavião vivem na Amazônia. Os índios da tribo Gavião têm uma relação forte com os nomes pelos quais são chamados. Cada um recebe dois nomes e um deles não pode ser divulgado. Segundo a tradição da tribo Gavião, dar ao outro a chance de conhecer este segredo, ou seja o segundo nome, significa transferir poder. Quando alguém recebe o nome de um parente que já morreu carrega a responsabilidade de manter as características do antepassado e quem o escolhe assume o papel de padrinho com a função de transmitir a cultura.

Guajá

As mulheres da tribo Guajá, que também vive na Amazônia, em alguns casos, têm um papel decisivo na vida da tribo. A opinião das idosas é levada em conta e elas podem tanto resolver conflitos domésticos como dividir as tarefas de roçar, caçar e coletar.

Suruí

Em determinadas épocas do ano esta tribo se divide. Um grupo fica fora da aldeia, enquanto a outra metade cuida do plantio, da colheita e do preparo da mandioca. No final tudo é compartilhado. Quem saiu retribui os alimentos da roça com os produtos da caça, pesca e os artefatos que foram produzidos. Na estação seguinte há um revezamento, o que serve para fortalecer a coesão do grupo.

Yanomami

Os Yanomami abrem várias trilhas para ligar as diferentes aldeias com as áreas de caça, os acampamentos de verão e as roças recentes e antigas. Eles fazem um constante rodízio entre esses lugares e com isso a floresta se recupera com rapidez.



Desenho feito por Tainara e Letícia, alunas da terceira série da Escola Municipal Hilton Rocha (Contagem/MG)

correio da Florinda

Vejam só quantos desenhos legais nós recebemos. Eles mostram um mundo em sintonia com a ecologia integral, ou seja, o cuidado das pessoas com elas mesmas (ecologia pessoal), com os outros seres humanos (ecologia social) e com a natureza (ecologia ambiental).



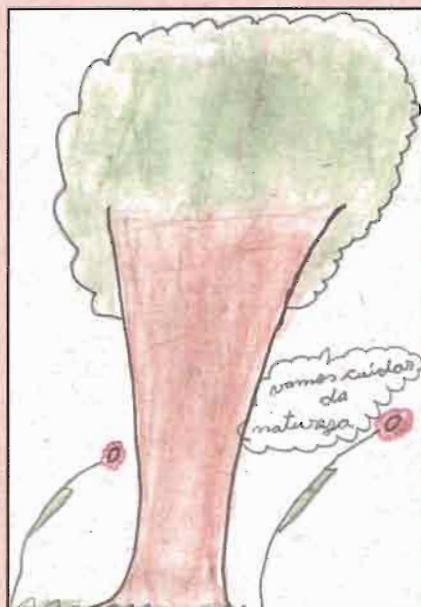
“Querida Florinda,
Eu queria ajudar a cuidar da natureza. Não vou jogar lixo na água, só vou jogar lixo na lixeira. Eu acho bonito este trabalho que a revista faz. Eu acho que quando eu crescer, eu vou ser um desses que ajudam a conservar a natureza, a defendê-la.
Até breve!”

Jenifer Dias Ferreira

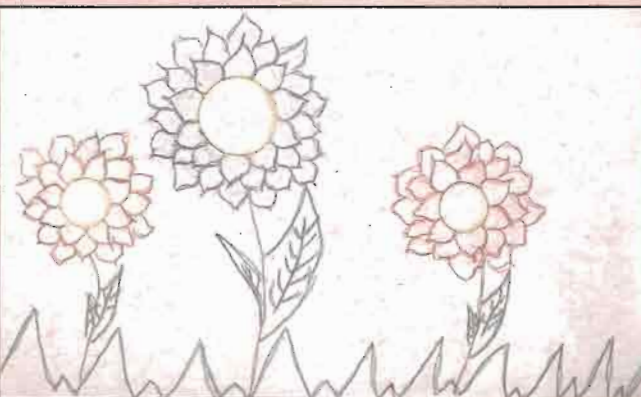
Aluna da Escola Estadual São Luís Gonzaga (Caeté - MG)

“Querida Jenifer, saiba que você não precisa esperar crescer para defender a natureza. As crianças também podem fazer muita coisa, como ensinar a seus pais tudo o que aprenderem sobre ecologia.”

Um beijo da Florinda.



Desenho feito por Juliana Rodrigues de Souza, aluna da Escola Municipal Hilton Rocha (Contagem/MG)



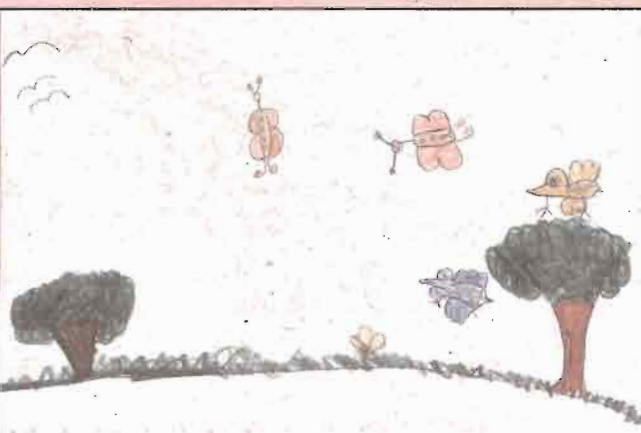
Desenho feito por Adriana Marques Martins, aluna da Escola Estadual São Luís Gonzaga (Caeté/MG)

“Querida Florinda,
Gostei de sua revista. Com ela eu aprendi coisas legais. Minha escola queria fazer parte de seu trabalho se não se importar. Queríamos ajudar e não deixar poluir o ar, a água e as cidades, não queimar florestas e não jogar lixo na rua. Moro em um internato perto da Serra da Piedade. Aqui tem muitas árvores, muito passarinhos, muitas flores perfumadas e bonitas, várias espécies de plantas. Ah! Tem nascente e também tem muitos coqueiros e várias montanhas muito altas.
Esperamos por vocês. Beijos de todos nós.”

Lidiana Alves

Aluna da Escola Estadual São Luís Gonzaga (Caeté - MG)

Lidiana, que bom que você sabe apreciar as belezas da natureza. Que você e seus amigos cuidem bem desse lugar bonito em que moram.
Um beijo da Florinda.



Desenho feito por Douglas, aluno da Escola Municipal Hilton Rocha (Contagem/MG)

História indígena brasileira contada por um índio



Quem eram e o que pensavam os primeiros habitantes desta terra? "A Terra dos Mil Povos - História indígena do Brasil contada por um índio", livro escrito pelo txucarramãe Kaka Werá Jecupé, apresenta um olhar renovado sobre os valores e a cultura indígena. Ele também discute a construção da identidade brasileira que adotou os hábitos e valores do europeu, se esquecendo da riqueza das tradições indígenas milenares. (Editora Fundação Peirópolis Série Educação para a paz www.editorapeiropolis.com.br)

Tupã Tenondé: a tradição oral Guarani



Kaka Werá Jecupé também escreveu "Tupã Tenondé - A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani". O livro é a revelação dos ensinamentos secretos da tradição oral Tupi-Guarani e mostra a interdependência destes elementos que formam uma grande teia, já que a existência de um é o desdobramento da existência do outro. Tupã Tenondé é uma narrativa poética que traz as "palavras formosas" e tem como missão original "formar corações valorosos, preparados para respeitar e valorizar a diversidade cultural num mundo em que, cada vez mais, alguns povos pretendem impor a outros sua maneira de ver e viver."

(Editora Fundação Peirópolis - www.editorapeiropolis.com.br)

Na internet, informações sobre os povos indígenas:

www.socioambiental.org

www.cimi.org.br

www.funai.gov.br

www.indiosonline.org.br

História e meio ambiente

A coletânea História e Meio Ambiente, elaborada pelo professor de História Fernando José Quintino, é destinada a instituições de pesquisa e ensino e demais leitores interessados em entender a natureza, as origens, a evolução e os efeitos do meio ambiente na vida dos seres humanos, através dos tempos. Com o auxílio da História, as cartilhas ajudam a explicar as transformações por que passaram os seres humanos e o meio ambiente. Ao todo são 17 volumes que mostram desde os primeiros tempos na Terra até a época contemporânea, sempre relacionando os fatos históricos e a realidade do meio ambiente. (Ed. do autor - Informações: (31) 3386-5276/3312-1466)



Ecopedagogia e cidadania planetária

O livro escrito por Francisco Gutiérrez Cruz Prado, "Ecopedagogia e cidadania planetária", apresenta um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstram uma percepção da Terra como uma única comunidade. A chamada cidadania planetária se une à ecopedagogia, uma pedagogia da pergunta, democrática e solidária, que convida educadores e educandos, a garantir a sustentabilidade de cada um de nossos atos cotidianos como seres humanos que compartilham com outros seres a aventura de viver neste planeta. (Cortez Editora - Instituto Paulo Freire)



PARCERIA: TRILHAS D'ÁGUA - CEI



Mais informações:

(31) 3641-3185 ou 9985-3185

(Evaldo Negreiros) trilhasdagua@bol.com.br

- ✓ Fins de Semana Ecológicos preparados especialmente para o CEI (Parques Estaduais e Nacionais, Estrada Real - Circuito do Ouro, Cidades Mágicas do Sul de Minas, entre outros).
- ✓ Treinamento Empresarial com esportes de aventura.
- ✓ Roteiros personalizados para grupos, empresas, escolas e associações.
- ✓ Santiago de Compostela - Espanha - Um Roteiro de Peregrinação (grupo em formação para setembro de 2004 - Ano Santo Jubileu).
- ✓ MACHU PICCHU - A Cidade Sagrada dos Incas - Saídas em junho (Festa do Sol) e julho/2004.

Importante: Os assinantes da Revista Ecologia Integral e os colaboradores do CEI têm descontos especiais.

O símbolo que precisamos incorporar

Rilke escreveu um delicioso poema sobre algo inexistente, o unicórnio:

“Oh, este é o animal que nunca existiu. Não o haviam visto. Mas, ainda assim, amavam-lhe os graciosos movimentos e a maneira como ele ficava ali, fitando-os calmamente com seus claros olhos. O animal não existira. Mas, para eles, ele aparecia em toda sua pureza. Deram-lhe espaço suficiente. No espaço santificado pelo amor que lhe dedicaram o animal se levantou de repente, e não precisava existir. Alimentaram-no não com cereal, mas com a mera possibilidade de ser. E, finalmente, isso lhe deu tal poder que em sua testa um chifre nasceu. Um único chifre. E ele se aproximou de uma virgem, branca, refulgente... penetrou no espelho e nela”.

Obviamente só um poeta, livre das ataduras e limitações físicas e racionais, pode nos apresentar tal ideal de beleza.

Na cultura ocidental, o unicórnio simboliza um ser criado pela capacidade humana de sonhar. No poema de Rilke transcrito acima, ele é criado por amor, e espaço lhe é dado por aqueles que ousam acreditar na possibilidade de que ele poderia existir...

Isto é apenas o sonho de um poeta? Que diz a ciência moderna?

Ela nos fala do vácuo quântico, ou seja de um conjunto infinito de potencialidades latentes. Nós extraímos umas poucas delas, as congelamos e criamos assim a “realidade”. Mas existe um vastíssimo campo de possibilidades que o sistema - como está organizado - rejeita, porque não são “práticas”, “operacionais”, nem geram lucros imediatos.

Entretanto, a ciência mais avançada nos fala de um vácuo quântico, impregnado de muitíssimas possibilidades. Preferimos combinar a ciência com a poesia e a espiritualidade, alicerçados num enfoque transdisciplinar, e dizer que o universo é um campo de unicórnios, ou seja, um oceano de possibilidades que podemos manifestar, se elas forem construtivas.

Cada unicórnio representa um sonho.

Precisamos é de líderes para a Vida, líderes de uma nova sociedade, que substitua esta que nos asfixia e é cada vez mais insuportável. Os verdadeiros líderes são aqueles que conseguem fazer acontecer coisas que outros - afundados no comodismo, no egoísmo e na banalidade - acham impossíveis, totalmente utópicas.

O grande sonho do século XXI é, finalmente, começar a construir uma sociedade mais justa, mais digna e mais humana. Ou seja, um Grande Unicórnio.

Os líderes verdadeiros o farão, cada um contribuindo com um átomo daquele, apesar de que uma imensa multidão de céticos, hipócritas e cínicos o considerem impossível, um devaneio, um sonho inseqüente, uma verdadeira tolice.

Propomos pois, o unicórnio como símbolo do século XXI, a ser ostentado por aqueles que estejam suficientemente conscientizados acerca da atual problemática humana, e que tenham incorporado adequadamente o conceito realmente moderno de vácuo quântico (ou “campo de unicórnios”), onde as possibilidades são infinitas. Uma delas é assumir a dimensão espiritual na Educação Superior, tal como recomenda a

Unesco (1998).

Este enfoque envolve um toque de transdisciplinaridade, onde a ciência mais avançada (aquela que nos fala do vácuo quântico), a poesia (que fala de campo de unicórnios) e a espiritualidade (que fala de dimensões superiores) se combinam e se integram, de forma natural, porque todas elas têm a ver com a essencialidade do ser humano e sua relação com as Energias Superiores.

O convidamos, pois, a se transformar em um verdadeiro líder, empunhando o símbolo do unicórnio como um cetro, dissolvendo as trevas e abrindo espaço para a luz. Que sempre existiu, existe e existirá, aguardando que o ser humano acorde e manifeste (através do vácuo quântico, do campo de unicórnios, das dimensões superiores), aquela sociedade que - no fundo de nossos corações - todos almejamos.

Trabalhando nesta senda, utilizando tanto o conhecimento antigo como o moderno, poderemos transformar esta sociedade em um lugar digno de viver.

Prof. José A. Bonilla
FACE - UFMG

Programa Educação para a Vida

Sítio: www.educacaoparavida.com.br

O Programa Educação para a Vida envolve uma abordagem prática e transdisciplinar, tendo-se escolhido um assunto específico para cada um dos quatro componentes do ser humano, de modo que seu conteúdo programático está assim estruturado:

- Componente material: *Administração das Finanças Familiares*
- Componente intelectual: *Formulação de Projeto de Vida Pessoal*
- Componente emocional: *A Arte de Amar e Ser Amado*
- Componente espiritual: *Sentido e Significado da Vida Humana*

Esses assuntos serão abordados através de cursos à distância, assim como por palestras presenciais, tendo como objetivo contribuir para formar uma massa crítica e suficiente de pessoas na sociedade nacional, capazes de desenvolver uma vida pessoal, produtiva, harmoniosa e bem sucedida, atingindo assim o princípio auto-afirmativo em forma construtiva, através da auto-realização; conscientizar-se e desenvolver ações afins, em prol do resgate dos autênticos valores humanos, atingindo assim o princípio integrativo, através da assunção do papel de agentes da transformação social.

Público-alvo: Pessoas em geral, que estejam interessados simultaneamente, em se realizar como pessoas e em contribuir para a melhoria da sociedade.

Responsável: Prof. José A. Bonilla (UFMG) - e-mail: bonilla.bhz@terra.com.br

Índio Galdino, uma lição

“Se não fosse a notícia da morte do índio, meu jornal estaria pobre, cheio de notas frias,” disse a jornalista a um colega de profissão. Era 21 de abril de 1997, segunda-feira, feriado nacional em comemoração à Inconfidência Mineira. A redatora, de plantão, produzia um noticiário para uma rádio, quando recebeu pelo terminal a nota da agência de notícias relatando o fato de adolescentes terem ateado fogo, na madrugada do dia 20, em um índio que dormia num ponto de ônibus em Brasília. Acostumada às escassas notícias de segunda-feira, teria ainda mais um desafio: colocar no ar um jornal durante o feriado prolongado. A saída, segundo o jargão profissional, seria fazer um noticiário extremamente gelado, com notícias velhas requentadas. Naquele dia, o jornal, recheado de insignificantes notas internacionais, foi “salvo” pela notícia quente da morte do índio pataxó Galdino José dos Santos.

O relato comprova o discurso de Bourdieu, os jornalistas falam muitas vezes levemente, suas palavras “fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias, ou, simplesmente, representações falsas”. Já o poeta Fernando Pessoa tem uma explicação para o descaso com a vida alheia: “o impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco quando não são de coisas nossas, quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte”. Sabendo disso, o escritor Afonso Romano de Sant’Anna nos convida à reflexão: “temos de nos expor à beleza, procurá-la, colocá-la em nossas vidas, porque estão querendo o contrário. Por exemplo, eles estão querendo borrar o nosso cotidiano. Começam com as notícias ao amanhecer e encerram com as notícias ao anoitecer. Uma tragédia atrás da outra, querendo nos seqüestrar para o horror”.

Jornalistas e público foram unânimes em se perguntar: “como eles foram capazes?” referindo-se aos cinco rapazes que mataram o índio. A mesma pergunta é elaborada sempre que algo de “excepcional” acontece.

Mais recente, perguntou uma revista de circulação nacional “Como ela pôde?” sobre o caso Suzane von Richthofen, a garota de classe média alta que matou os pais com a ajuda do namorado e de um irmão dele. Na matéria, admite a revista abertamente que as declarações de Suzane “entretêm mídia e opinião pública”. Ocupados em nos divertir com as mazelas dos outros, esquecemos de perguntar: “como somos capazes?”.

Ouço *Faroeste Caboco*, de Renato Russo e penso no índio queimado. O compositor que morreu em outubro de 1996 não viu a sua personagem João de Santo Cristo se materializar em Galdino, que “não conseguiu o que queria quando ‘foi até Brasília’ com o diabo ter”. Uma outra música, *Sonho de Arte*, de Fagner e de Brandão, diz que “se a vida é um demônio, nós somos dele uma parte”. Já Guimarães Rosa, envolto em seu romance *Grande Sertão: Veredas*, pôs-se a investigar a existência do capeta. Na conclusão do livro, a descoberta: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”.

A jornalista, aquela do plantão, a que vos escreve, no espelho, refletiu-se índio e algozes: “matei um índio, matei-o-me”. Participamos da violência e com a violência morremos como humanidade. “A sociedade retira-nos a existência absoluta para dar-nos uma relativa,” afirmou o filósofo Jean Jacques Rousseau, convocando-nos a voltar às nossas origens naturais. Enquanto isso, Guimarães Rosa nos convida à Travessia. Então, deixemos, nós incivilizados, que os índios sejam o espelho, curem-nos de nossa barbárie e nos conduzam ao caminho da humanidade:

“Trata sua mãe, a terra, seu irmão e o céu como se fossem casas que pudessem ser compradas, saqueadas ou vendidas, como se fossem cordeiros e contas de vidro. Seu insaciável apetite devorará a terra e deixará atrás de si apenas um deserto”.

“...agora vejo que vós, mãres, sois uns grandes loucos, pois que atravessais o mar

Ocupados em nos divertir com as mazelas dos outros, esquecemos de perguntar: “como somos capazes?”

com grandes incômodos, como dizeis e trabalhai tanto a fim de amontoardes riquezas para os filhos ou parentes! A terra que vos alimentou não é suficiente para alimentá-los a eles? Nós aqui também temos filhos, a que amamos, mas como estamos certos que após a nossa morte a terra que nos nutriu os nutrirá também, cá descansamos sem o mínimo cuidado...”²

“Os branco é um homem que tem coisas que eu não entendo. Nós da aldeia nos tratamos todos de irmão, mas entre branco tem o que manda e toma a terra e o que vai lutar contra o índio como mandado. É engraçado, muitas vezes o branco diz: - ‘Vocês têm que viver como nós e acabar com essas festas’. Eu gostaria de saber como é que branco viveria como índio. Nós queremos dizer para o homem civilizado da cidade, que eles só são civilizados porque acreditam que são, porque para nós eles são iguais”.³

Rosângela Martins
Jornalista, graduada em Filosofia e
colaboradora do Centro de Ecologia Integral - Cei

Referências dos trechos citados

- 1) Carta do Índio (Discurso feito pelo chefe Seattle ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em 1854)
- 2) História de uma viagem feita à terra do Brasil, Jena Léry. In: *Inês da Conceição Inácio e Tânia Regina de Luca*. Documentos do Brasil colonial. São Paulo, Ática, 1993. p. 40-1
- 3) Mairawe Kayabi, do Parque Indígena do Xingu, em *Precisamos de um chão*. In: *Sônia de Almeida Demarquet*, A questão Indígena. Ed. Vigília. p. 44.

pequenas ações por um mundo de paz

Saber valorizar a riqueza de cada instante de sua vida

A vida oferece alegrias e tristezas. Mas até mesmo os momentos tristes trazem em si pequenas lições que contribuem para tornar as pessoas melhores e mais fortes. Reconhecer as lições dadas pela natureza também é um grande aprendizado. Saber apreciar belas imagens, sábias palavras e ações virtuosas, que acontecem diariamente em nossas vidas, é uma forma de ajudarmos a construir uma cultura de paz no mundo.

Não permitir o preconceito contra minorias

Quem está em menor número precisa estar sempre em desvantagem? Certamente não. Isso porque a diferença não deve ser vista como ameaça e sim como algo positivo e que deve ser respeitado e acolhido por todos. Os indígenas brasileiros, que já foram maioria, hoje estão concentrados em alguns pontos do país. O direito de ter sua crença, seus costumes e seu espaço respeitados é uma grande ação por um mundo de paz, entre índios e não-índios.

Foto: Afonso Tadeu Marini

Viver em harmonia dentro do lar

A família é a base da sociedade. Os membros de uma família precisam demonstrar respeito, afeto e cuidado uns pelos outros. Uma família que tem princípios e valores bem definidos e cultivados contribui para a formação de crianças e jovens preparados para viver em grupo, para zelar por suas relações pessoais e preservar a natureza.

Universidade da Paz - UNIPAZ-MG

Já estão abertas as inscrições para a 6ª turma da Formação Holística de Base

Seminários 2004

- 4 a 6 de junho - **E a vida continua...** (Pierre Weil)
- 18 a 20 de junho - **A arte de viver em harmonia** (Lydia Rebouças)
- 13 a 15 de agosto - **Sonhos** (Gislaine Maria D'Assumpção)
- 17 a 19 de setembro - **Permacultura - Novas formas de viver** (João Rocket)
- 22 a 24 de outubro - **A arte de viver o conflito** (Lydia Rebouças)
- 19 a 21 de novembro - **Antigos e novos terapeutas** (Roberto Crema)
- 10 a 12 de dezembro - **A arte de viver a natureza** (Dalila Lubiana)

Unipaz-MG

**Rua Paulo Afonso, 146/605
BH/MG - Cep: 30350-060
unipazmg@unipazmg.org.br
www.unipazmg.org.br
Telefone: (31) 3297-9026**

Um mito Tupi-Guarani

O Criador, cujo coração é o Sol, tataravô desse Sol que vemos, soprou seu cachimbo sagrado e da fumaça desse cachimbo se fez a Mãe Terra. Chamou sete anciães e disse: 'Gostaria que criassem ali uma humanidade'. Os anciães navegaram em uma canoa que era como uma cobra de fogo pelo céu; e a cobra-canoa levou-os até a Terra. Logo eles ali depositaram os desenhos-sementes de tudo o que viria a existir. Então eles criaram o primeiro ser humano e disseram: 'Você é o guardião da roça'. Estava criado o homem. O primeiro homem desceu do céu através do arco-íris em que os anciães se transformaram. Seu nome era Nanderuvuçu, o nosso Pai Antepassado, o que viria a ser Sol. E logo os anciães fizeram surgir das Águas do Grande Rio Nanderykei-cy, a nossa Mãe Antepassada. Depois que eles geraram a humanidade, um se transformou no Sol, e a outra, na Lua. São nossos tataravós."

*Fonte: Livro A Terra dos Mil Povos - História indígena do Brasil
contada por um índio - Autor: Kaka Weã Jecupé
Editora Fundação Peirópolis*

Guerreiro sem armas

"No caminho do guerreiro, cabe a você discernir o que foi tecido pelos fios divinos e o que foi tecido pelos fios humanos. Quando você principia a discernir, você se torna um txucarramãe - um guerreiro sem armas. Porque os fios tecidos pela mão do humano formam pedaços vivificados pelo seu espírito. Essa mão gera todos os tipos de criação. Muitas coisas fazem parte de você para se defender do mundo externo, geradas pela sua própria mão e pelo seu pensamento. Quando você descobre o que tem feito da sua vida e como é a sua dança no mundo, desapega-se aos poucos das armas, que são criações feitas para matar criações. De repente, descobre-se que, quando paramos de criar o inimigo, extingue-se a necessidade das armas."

Kaka Weã Jecupé

• Seminários, cursos e oficinas

- Ecologia integral
- A arte de viver em paz
- Formação de educadores ambientais com base na ecologia integral
- Formação de educadores para a paz com base na ecologia integral
- Comunicação interpessoal
- Comunicação para o terceiro setor
- Educação para o consumo
- Agenda 21
- Ikebana (arranjos florais)
- Mobilização e participação social
- Responsabilidade social
- Valores humanos

• Biblioteca

• Cine-Paz

• Palestras

• Passeios ecológicos

• Práticas integrativas

• Orientação e elaboração de projetos e facilitação de trabalhos nas áreas de

- Ecologia Integral
- Agenda 21
- Comunicação para o terceiro setor
- Defesa e preservação do meio ambiente
- Desenvolvimento humano, de grupos, de comunidades e de organizações
- Educação ambiental
- Educação para a paz
- Educação para o consumo
- Mobilização e participação social
- Responsabilidade social e terceiro setor

• Grupos de estudos (abertos e gratuitos)

- Ecologia do ambiente (semanal)
- Educação para a paz (quinzenal)
- Meditação (quinzenal)
- Sonhos (quinzenal)

Seja um elo da corrente pela divulgação da cultura de paz e da ecologia integral

Quando você se torna assinante da Revista Ecologia Integral, possibilita que uma instituição sem fins lucrativos receba uma assinatura gratuita. Quanto mais assinantes, mais pessoas que não podem pagar terão acesso à Revista através dos nossos Programas de Educação Ambiental e Educação para a Paz.

1 assinatura paga = 1 assinatura gratuita para entidade sem fins lucrativos

Dê de presente para um amigo a assinatura da Revista Ecologia Integral.

Assine ou renove a sua assinatura.

Você estará colaborando para a realização dos objetivos do CEI e também terá direito a descontos nas suas atividades.

Para solicitar ou renovar a sua assinatura com oito edições, recorte ou copie a ficha no verso desta página, complete com seus dados em letra de forma e envie para o CEI, juntamente com cheque cruzado e nominal ao Centro de Ecologia Integral ou comprovante de depósito no valor de R\$48,00 (Banco Real: conta nº 2971626-4 agência nº 0181 ou Banco do Brasil: conta nº 18377-6 - agência 1629-2)



Preço da assinatura
com 8 edições: R\$48,00

Principais pontos de venda da Revista Ecologia Integral (Belo Horizonte-MG)

Barreiro

- Vagner Luciano - Tel. (31) 3482-0075 (Joana) 3393-2659 (Selma)

Barroca

- Homeopatia Vitae (Rua Brumadinho, 267)

Barro Preto

- Reciclo/Asmare (Av. do Contorno, 10.564)

Belvedere

- Banca - Ponteio Lar Shopping

Centro

- Banca - Praça Sete (próximo à loja Praça 7 Calçados)
- Agência Status - Rodoviária (loja 219)
- Livraria Leitura - Shopping Cidade
- Livraria Van Damme (Rua Guajajaras, 505)
- Agência Riccio (Rua dos Carijós, 151)
- Livraria UFMG (Conservatório de Música Av. Afonso Pena, 1534)
- Farmácia Chamomilla (Av. Augusto de Lima, 403)
- Restaurante Vegetariano Naturalmente (Rua Rio de Janeiro, 1197)

Cidade Jardim

- Banca (Av. Prudente de Moraes, 280)

Cidade Nova

- Via Ápia - Extra Supermercados (Minas Shopping)

Coração Eucarístico

- Banca (Avenida 31 de março, 1102)
- Banca (Rua Dom José Gaspar, 28)
- Banca (Puc-Minas)

Floresta

- Farmácia Homeopática Digitalis (Rua Curvelo, 130)
- Livraria do Psicólogo (Rua Curvelo, 132 - Lojas 25, 26 e 27)
- Portal da Luz (Rua Pouso Alegre, 810 - Casa 3)

Funcionários

- Banca (Av. Getúlio Vargas, 879)
- Banca (Rua Gonçalves Dias, 1924)
- Banca (Rua Antônio de Albuquerque, 645)
- Banca (Avenida Bernardo Monteiro, 952)

Gutierrez

- Agência Oppus (Rua André Cavalcanti, 583)
- Banca (Av. Francisco Sá esquina com Rua André Cavalcanti)
- Banca (Av. Raja Gabaglia, 216)
- João Caipira (Rua Gal. Dionísio Cerqueira, 445)
- Marilú Agência de Jornais e Revistas (Av. Francisco Sá, 1007)

Itapoã

- Banca - Space Box (Hiper Viabrasil)

Lourdes

- Banca (Rua da Bahia, 1880)
- Banca (Av. Olegário Maciel, 1764)

Minas Brasil

- Banca (Rua Padre Vieira, 316)

Ouro Preto

- Farmácia Atma (Rua Monteiro Lobato, 23 - Loja 2)

Pampulha (Campus UFMG)

- Faculdade de Educação - William Livros
- Portão 1 - Banca 9ª Arte
- Livraria UFMG - Praça de Serviços
- Banca Reitoria

Santa Efigênia

- Café Books (Rua Padre Rolim, 616)
- Banca (Av. Mem de Sá, próximo ao Colégio Municipal Santos Dumont)
- Banca (Rua Padre Rolim esquina com Av. Bernardo Monteiro)
- Homeopatia Germinare (Av. Contorno, 2774)
- Via Ápia - Extra Supermercados (Av. Francisco Sales, 898 - lj.23)

Santa Lúcia

- Sana - Saúde Natural (Rua Kepler, 499)

Santo Agostinho

- Banca (Av. Amazonas esquina com Av. Barbacena)
- Livraria do Usina Cineclub (Rua Aimorés, 2424)
- Farmácia Chamomilla / Weleda (Av. Olegário Maciel, 1358)
- Farmácia Atma (Rua Rodrigues Caldas, 766)
- Banca (em frente à Cemig - Rua Alvarenga Peixoto)
- Agência News - Diamond Mall (Loja S6 - nível G1)

São Luiz

- Farmácia Atma (Rua Cel. José Dias Bicalho, 647)

Savassi

- Banca (Av. Getúlio Vargas esq. Inconfidentes)
- Banca (Rua Tomé de Souza, 505)
- Chamomilla Homeopatia (Rua Sergipe, 1422)
- Empório Rural (Rua Paraíba, 906)
- Homeopatia Germinare (Rua Paraíba, 966 - Loja 2)
- Homeopatia Vitae (Rua Cláudio Manoel, 170)
- Livraria Dharma (Av. Getúlio Vargas, 1624 - Loja 2)
- Mandala Restaurante Natural (Rua Cláudio Manoel, 875)
- Restaurante Bem Natural (Rua Tomé de Souza, 947)

Serra

- Banca (Praça Milton Campos, 197)
- Banca (Av. Contorno, 4656)
- Farmácia Amarillis (Rua do Ouro, 1582)

Sion

- Terra Mater (Rua Grão Mogol, 554)

Caeté-MG

- Banca do Cabral (Av. João Pinheiro, 3654)
- Banca da Maria (Rua Jair Dantas)
- Livraria e Papelaria Universo (Rua Israel Pinheiro, 305)
- Opserv's (Rua Peixoto de Souza, 2)
- Papelaria Pergaminho (Rua Jair Dantas, 402)

Pompeu/MG

- Jacson Afonso de Sousa - Tel. (37) 3523-1107

Gostaria de:

- assinar a Revista Ecologia Integral a partir do nº
- renovar a minha assinatura

NOME COMPLETO:

ENDEREÇO:

BAIRRO:

CIDADE:

ESTADO:

CEP:

TEL. RES.:

FAX:

E-MAIL:

TEL. COM.:

CELULAR:

Centro de Ecologia Integral

R. Bernardo Guimarães, 3101 - Salas 204 a 207
B. Santo Agostinho - Belo Horizonte/MG - Brasil
Cep: 30.140-083 - Tel.: (31) 3275-3602
E-mail: cei@ecologiaintegral.org.br
www.ecologiaintegral.org.br

Para adquirir números avulsos ou fazer assinatura da Revista Ecologia Integral
 Ligue: (31) 3275-3602 ou mande um e-mail para cei@ecologiaintegral.org.br
 ou visite www.ecologiaintegral.org.br
 Veja os pontos de venda da Revista Ecologia Integral na página ao lado



*“Nós somos em essência, amor,
sabedoria e vontade. Assim, a
nossa alma é que deve dar a
direção da nossa vida.”*

Kaka Werá Jecupé

*Fundador do Instituto Nova Tribo que
visa resgatar e difundir a sabedoria indígena*

Foto: José Lutz

Centro de Ecologia Integral
por uma cultura de paz e pela ecologia integr-